

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Narrativas em cartas e o processo de formação nos
estágios em diálogo com os estudos da Pedagogia**

Ana Júlia Soares Leite Garcia

Campinas- SP
2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**Narrativas em cartas e o processo de formação nos
estágios em diálogo com os estudos da Pedagogia**

Trabalho apresentado com requisito para
aprovação da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso II, EP 809.
Orientadora: Profa. Dra. Adriana Varani

Campinas-SP
2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

G165n Garcia Leite Soares, Ana Júlia, 1999-
Narrativas em cartas e o processo de formação nos estágios em diálogo com os estudos da Pedagogia / Ana Júlia Soares Leite Garcia. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Adriana Varani.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Registro. 2. Reflexão. 3. Formação de professores. 4. Pesquisa. 5. Narrativas. I. Varani, Adriana, 1972-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciatura

Data de entrega do trabalho definitivo: 19-01-2021

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente à Deus pela vida, família, amigos e vivências pelas quais tem me proporcionado, por sua misericórdia e bondade sempre terem me acompanhado e guiado até o presente momento.

A minha orientadora, Prof.^a. Dr^a Adriana Varani pela ajuda, dedicação, e mediação ao longo dessa escrita e estudo. Aos grupos de estudos GRECOTIDIANO, e professores presentes em todo o decorrer do curso de Pedagogia, os quais foram influentes para a minha formação e reafirmação da profissional que desejo ser.

Agradeço à minha mãe por todo o amor incondicional e compreensão, por ter sido quem me motivou e incentivou à ser uma pessoa melhor, acreditando na minha formação, mesmo as pessoas apontando minhas notas baixas, e meu silêncio em sala de aula, ela nunca desistiu, e em todos meus momentos de desânimo, enfatizava que as pessoas não são números, notas, muito menos necessitamos de premiações para provar nossa capacidade, me motivando e apoiando em tudo que fornecesse o meu desenvolvimento pessoal e profissional e ao meu pai, pois sempre demonstrou seu orgulho pelo meu esforço.

Agradeço ao meu noivo, por ser meu companheiro, amigo, ajudador e a pessoa com quem compartilho muitos momentos da vida, estando sempre ao meu lado, inclusive para a elaboração desse trabalho e de muitos outros já realizados ao longo da faculdade.

A meus tios, e amigos provaram em tempos tão difíceis de uma pandemia, que o amor de verdadeiras amizades resiste e se fortalece, criando um laço familiar para se levar para a vida toda, pois estes dois grupos demonstraram ainda mais a preocupação, apoio, amor, união e incentivo não só para com meus estudos, mas para a vida e seus acontecimentos marcantes.

RESUMO

O presente trabalho aborda o tema “Narrativas em cartas e o processo de formação no estágio em diálogo com os estudos da Pedagogia”. O objetivo principal deste trabalho é expor experiências pessoais e de estágio obrigatório, por meio da escrita narrativa. Para essa finalidade, foi abordado uma metodologia de pesquisa e escrita narrativa no processo de formação, pessoal e reflexivo. A escrita realizada se concretizou em primeira pessoa por intermédio de narrativas de cartas, descrevendo e relacionando principalmente as experiências de estágio obrigatório da graduação em pedagogia e relatos pessoais de quando era aluna do Ensino Fundamental e estagiária no Ensino Superior. Algumas dessas experiências foram referenciadas com base em métodos teóricos no campo da sociologia, avaliação e didática pedagógica de fontes bibliográficas de textos acadêmicos apresentado ao longo do curso e artigos científicos. Concluindo a importância do registro para a constante formação profissional, ocasionando uma auto reflexão e reafirmação pela busca constante da melhora do exercício de ser um educador - mediador em sala de aula, reconhecendo e firmando-se em ser um(a) formador(a), e não transmissor(a). Incentivando a persistência nesse caminho mesmo com inúmeros desafios.

Palavra-chave: Registro. Reflexão. Formação. Pesquisa narrativa.

ABSTRACT

The present work addresses the theme "Narratives in letters and the training process in the internship in dialogue with the studies of Pedagogy". The main objective of this work is to expose personal experiences and mandatory internship, through narrative writing. For this purpose, a research methodology and narrative writing was approached in the formation process, personal and reflective. The writing carried out took place in the first person through letter narratives, describing and relating mainly the experiences of the mandatory internship of the undergraduate course in pedagogy and personal reports of when she was a student in Elementary School and an intern in Higher Education. of these experiences were referenced based on theoretical methods in the field of sociology, assessment and pedagogical didactics from bibliographic sources of academic texts presented throughout the course and scientific articles. Concluding the importance of registration for the constant professional formation, causing a self reflection and reaffirmation by the constant search for the improvement of the exercise of being an educator - mediator in the classroom, recognizing and establishing itself as a trainer, not a transmitter. Encouraging persistence in this path despite numerous challenges.

Keyword: Record. Reflection. Formation. Narrative research.



SUMÁRIO

ÍNDICIE DE IMAGENS.....	8
CARTA I	9
A TRAJETÓRIA ESCOLAR	9
CARTA II	20
EXPERIÊNCIA MARCANTE.....	20
CARTA III.....	25
PRIMEIRO CONTATO	25
CARTA IV	30
PRIMEIRA ATUAÇÃO.....	30
CARTA V	37
DOIS ESTRANGEIROS E UMA ESTAGIÁRIA	37
CARTA VI	52
VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	52
CARTA VII	60
MESMAS EXPERIÊNCIAS, DIFERENTES ALUNOS	60
CARTA VIII.....	66
RECEITA PESSOA – PARA EVITAR CAIR NO ESQUECIMENTO	66
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS.....	76
ANEXO A - Imigrantes negros que chegam ao Brasil deparam-se com ‘racismo à brasileira’, diz sociólogo.....	76
ANEXO B - Experiências & Correspondências.....	85



ÍNDICIE DE IMAGENS

Figura 1 - Pesquisa Expat Insider 2019	38
Figura 2 - Classificação geral do Brasil nos últimos anos	39
Figura 3 - Posição do Brasil nos 5 principais critérios avaliados	39
Figura 4 - Palavras para estabelecer diálogo do intervalo	47
Figura 5 - Palavras para estabelecer diálogo da aula	47
Figura 6 - Palavras para estabelecer diálogo ensaio de primavera	48
Figura 7 - Formiga saúva	49
Figura 8 - Caixa de correios para postagem de cartas das crianças	62
Figura 9 - Carta de apresentação da bruxa Etelvina	63
Figura 10 - Experiencia 1 bexiga e vela	64
Figura 11 - Experiencia 2 casca e isopor	65



CARTA I

A TRAJETÓRIA ESCOLAR



Nova Odessa, 09 de setembro de 2020

Querida Adriana Varani,

Venho lhe contar um pouco da minha trajetória escolar com alguns acontecimentos marcantes. Mas antes façamos aqui uma breve explanação das razões dessa contação e o modo como vamos realizá-la.

Desde o início da graduação em Pedagogia, algumas dúvidas sempre percorriam a mente, e tornaram ainda mais intensas com os estágios. Por exemplo, que tipo de professora serei? Como vou saber se estou fazendo o certo? Será que sirvo mesmo para a educação?

Esse mar tempestuoso de incertezas e dúvidas não respondidas, as mesmas que fazem muitos estudantes desistirem nos primeiros anos da faculdade, começaram a ser sanadas com a apresentação de alguns textos e práticas docentes que até então não as conhecias.

Um dos textos que deu margem para a abertura de minhas incertezas foi: o diário de itinerância, escrito por Barbier traz a explicação desse diário como sendo um instrumento metodológico de investigação sobre si com relação ao grupo o qual está inserido, e por registrar pensamentos e sentimentos toma semelhança com o diário íntimo.

[...] o diário de itinerância faz conhecer a parte mais bela da função poética, propriamente criadora, do imaginário ligado à transversalidade. Mais ainda, o diário



de itinerância não hesita em explorar os caminhos não-científicos dessa transversalidade, deixando falar a inquietação metafísica e a abertura mística, [...]. O diário de itinerância é um diário de pesquisa na medida em que ele representa bem um instrumento metodológico de investigação e a aplicação de uma problemática central: a abordagem transversal com seu método de pesquisa-ação existencial. (BARBIER, 2002, p.4-5)

Esse texto me atraiu, pelo modo como indica a realização do trabalho docente. Para o feito desse diário, iniciamos escrevendo tudo o que há de desejoso para anotar sobre certa ação ou pensamento, relatando aquilo que pareça importante para a sua vida ou de terceiros, contendo reflexões, descrição de acontecimentos, comentários científicos, filosóficos, sonhos, poemas, entre muitas outras formas de expressão, chamamos esse primeiro passo de diário-rascunho. Partindo para a segunda fase, o diário elaborado, compomos o que se deseja transmitir a outros, incitando o leitor no mais profundo do seu ser para que interrogue sobre si mesmo, fazendo-o ver a cena desejada, sentir aquele mesmo sentimento e refletir. E por último o diário comentado, que consiste na escolha de uma parte ou até mesmo a totalidade do diário elaborado e torná-lo um meio de democratização em grupo, reforçando na relação interpessoal a consciência crítica.

Com isso, é possível relatar sobre como estava sendo os nossos estágios. Inicialmente a prática desta escrita foi algo que não levei muito a sério, afinal, foi uma média de 12 anos frequentando instituições escolares (Ensino Fundamental I-II e Ensino Médio) aprendendo os meios de elaborar uma escrita, o que pode e o que não pode, a ordem, os gêneros mais comuns solicitado para provas de vestibulares e depois quando ingressado na faculdade, passamos a aprender uma escrita acadêmica. De repente, nos deparamos com algo aparentemente simples, não é? Engano foi esse o meu. Um exercício de escrita muito mais complexo, e que já havia até me esquecido do prazer de criar, comentar, e interagir comigo mesma e com a folha de papel. Além disso ainda há o desafio de inserir a criticidade e reflexão. Com esse constante exercício, aos poucos foi possível esclarecer algumas dúvidas e pensamento que mencionei no início desta carta.

Com o desenvolvimento da escrita praticada após as atividades realizadas em nossos estágios, nossas ações e pensamentos sobre situações decorridas em sala de aula, passamos a refletir sobre nossos caminhos, onde erramos, onde acertamos, o que seria viável acrescentar, os arrependimentos, o que mudar, abrindo caminho para esse melhor desenvolvimento nosso e consequentemente do outro.

Antes dessa prática de escrita continua, costumava somente dizer “está errado”, “está certo”, “podia ser diferente”, mas não sabia os meios para expandir e argumentar o meu ponto

de vista, levando muitas vezes a aceitar e silenciar-me, pois, como estagiária, ouvi de muitos professores “O que vamos fazer? Sempre foi assim!”, frase que me incomodava cada vez mais, e fazia-me pensar se iria mesmo querer ser uma profissional da educação para reproduzir o que era contra. Consideremos aqui que ao taxarmos algo, estamos no campo da racionalidade técnica, sendo preciso um repertório pedagógico para compreender e significar os ocorridos de uma sala de aula.

Todo o sistema educacional, segundo (Castro, 2012), está assentado sobre uma base sociocultural, sendo a escola uma herdeira de valores e conceitos oriundos da modernidade europeia, fazendo a instituição escolar contemporânea viver uma crise de identidade.

A produção escrita do educador hoje deve estar a serviço da identificação e compreensão de todos os movimentos que interferem nas relações de ensino e aprendizagem. [...]. Para que seja possível essa conquista, o educador deverá superar sua condição de reprodutor de saberes para ser um investigador em ação, aquele que enquanto exerce seu ofício cria seus saberes e, através da própria escrita vai, artesanalmente, lapidando sua subjetividade. (CASTRO, 2012, p.1-2)

Sobre a minha trajetória até esse meio acadêmico, posso dizer que meus anos escolares não foram muito fáceis, desde a creche até o Ensino Fundamental II, não gostava da ideia de ir à escola, principalmente pelo fato de não ser tão sociável quanto outras crianças.

Quando estava em idade de frequentar a educação infantil, meus pais encontraram muitas dificuldades para que eu ficasse em uma instituição, pois o choro excessivo, a face se assemelhando à uma “beterraba” e o trabalho às professoras eram vigorosos, foram momentos mais intensos do que podiam imaginar, fazendo com que após semanas de tentativas, desistissem de lá me deixar.

Meu retorno a esse ambiente foi aos 5 anos, em uma pré-escola pública, onde tenho bem guardado a memória do primeiro dia de aula, no colo da minha mãe e uma outra criança sentada no chão segurando as pernas de sua mãe, ambas chorando desesperadamente, enquanto a professora e a ‘tia’ da cozinha tentavam nos convencer a entrar na sala. O decorrer daquele ano foi muito bom, fiz amigos os quais tenho contato até os dias de hoje, e também posso dizer que nesta escola tive a oportunidade de aprender a ler e escrever. Mesmo sendo uma escola de ensino tradicional, minha professora era de uma tendência mais progressista.

Infelizmente lembro-me apenas de algumas características, como o fato de sempre levarmos objetos de casa para realizar atividades, manuseávamos os mais diversos materiais em sala, nossa turma gostava muito de revistas, então as escritas em cadernos, e trabalhos em turma eram feitos com letras recortadas de revistas e jornais. Também possuíamos em um canto

da sala com algumas regras desenhadas e pintadas pelos próprios alunos de atitudes e comportamentos que não devíamos fazer em sala e/ou com os amigos, tendo algumas acrescentadas e outras retiradas com o passar do ano letivo, e todos os dias, sentados no chão da sala fazíamos uma roda para conversar dos mais diversos assuntos.

A organização do trabalho pedagógico, para Freitas (1991), pode referir tanto ao trabalho pedagógico da escola contando com equipe gestora, comunidade e professores como ao trabalho do educador em sala de aula, conforme essa didática é estabelecida há um efeito direto na relação social de poder, e em uma sala de aula com conceitos mais progressistas, o professor sai da relação de verticalidade à horizontalidade para com os alunos, sendo não mais um reprodutor, mas sim um educador mediador.

Essa característica de aula anteriormente narrada pode ser remetida à educação criada por Célestin Freinet, o qual está defendido e esclarecido no texto de Scarpato (2017), que se defende a livre expressão do ser humano em decorrência do desejo que todos temos de nos expressar e comunicar. Esse incentivo, na pedagogia Freinet, ocorre por meio de rodas de conversa, jornal escolar, texto livre, aula passeio, correspondência entre escolas e etc., gerando um clima democrático e prazeroso. Essa organização do trabalho pedagógico em sala de aula foi dada pelo educador como técnicas pedagógicas, com objetivo de enfatizar a cooperação dos alunos trazendo à sala de aula a curiosidade, experimentação, livre expressão e o interesse.

Os primeiros anos do Ensino Fundamental até o início do Ensino Médio posso dizer que foram períodos que não me trazem saudades do ambiente escolar. Da primeira série ainda guardo algumas boas lembranças da professora e turma, mas a minha simpatia obtida pela sala aula em dois anos tendo rotina escolar, foram por água abaixo no ano seguinte.

Na segunda série, uma turma em média de 30 alunos, era uma das poucas alunas que sabiam ler e escrever com mais facilidade, com isso outros colegas me pediam ajuda com algumas atividades, mas acredito que o ato de que os alunos às vezes me solicitassem à professora soava como um ruído estridente, o qual, hoje imagino que ela deveria pensar que cada troca de conversa atrapalharia seu cronograma do dia, afinal com dúvidas ela não atingiria o objetivo do dia, mês, e consequentemente ano. E, diga-se de passagem, que ano! O pior que eu poderia ter enfrentado, o qual não me traz saudades.

Para ter saudade, é preciso termos tido experiências prazerosas, amáveis, uma relação saudável-dialógica entre educador e aluno, tomando como base o bom diálogo para a construção das relações, mas não tratemos o diálogo como sinônimo de simpatia, entretanto como um meio

de despertar e mediar o interesse e atenção pelo conteúdo a ser trabalhado, havendo simultaneamente uma escuta sensível, como afirma Paulo Freire:

Se não amo o mundo, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. [...]. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro nunca em mim? (FREIRE, 1987, p.45-46)

Antes dessa atual graduação em Pedagogia, diria que gostaria de esquecer dessa época, mas, hoje digo que apesar de um ano totalmente desagradável, por meio da escrita foi possível acessar memórias dessa difícil experiência escolar e tentar compreender e/ou (re)significar.

Para Scarpato (2017), o desafio para essa escola desse novo milênio é propiciar oportunidade e espaço aos alunos para que mais livremente possam se expressar, praticando o exercício da educação, se desenvolvendo de forma integral e integradamente.

Na escola onde estudei, todo ano, havia jogos de encerramento, no qual incluía a participação de toda a escola, com disputas de ping-pong, futebol, basquete, xadrez, entre outros. A competição de final de ano na qual sempre saía em disparada, tinha seu o resultado revelado somente no ano seguinte, essa competição, se tratava na verdade de uma questão entre os alunos das mais variadas turmas, sendo esta, “qual turma cairia com a professora mais brava?”, e o prêmio para essa inquietação era a ‘medalha’ de compaixão, entregue pelos olhares e gestos de demais salas.

Aquele ano de 2007 foi composto com inúmeras desavenças das mais diversas categorias, cobranças e avisos desde a primeira semana sobre as provas importantes do governo que teríamos que passar, imposições em sala de aula como cada dia os famosos “mapas de sala”, todavia, o mesmo era alterado com grande frequência, descrença da professora para as histórias dos alunos, por exemplo: Um aluno faltar e ser culpabilizado por não ter entregue a tarefa, mesmo havendo tido apresentação de atestado médico e etc. Essa consequência é refletida na sala de aula e no relacionamento entre alunos e professor(a). Tais consequências fazem do estudante e do educador, corpos dóceis, sendo este para Foucault (1987), um corpo que pode ser utilizado, transformado e aperfeiçoado, formando uma política de coerções de um trabalho sobre um corpo.

Momentos de irritação, inquietação, acusação, atemorização, intimidação foram repletas naquele ano, mas em meios a tantas “ação” deixemos a explanação e compreensão para uma outra carta.

Os demais anos escolares passaram a ser muito semelhantes, sempre sentava nas primeiras carteiras (destes anos por opção), poucas amizades, sempre com um grupo de 3 a 4 amigos, e além da resposta à chamada, dificilmente falava algo, a menos que ocorresse alguma situação injusta, ou trabalho que eu fosse obrigada a falar.

Esse controle do corpo do aluno obtido através de ameaças, descrenças, gritos julgamentos, preconceitos, são ações decorridas não somente na época da minha 2ª série, sendo um fato isolado, todavia é um fenômeno de anos, décadas e séculos de reprodução social, aonde a escola é a construção externa e histórica, fazendo a divisão de disciplinas e determinações de tempo para submissão da sociedade, perpetuando o objetivo de sua reprodução socioeconômica e a naturalização desses mecanismos aplicados. Freitas (1991) afirma é provável que estas relações de poder impeçam as transformações dos objetivos, conteúdos e métodos na sala de aula ou imponham limites precisos a estas transformações nos mesmos limites das correlações de força locais.

Sai da rede pública, e no Ensino Fundamental II ingresso na educação privada, a qual obtive uma “melhorada” e já deixo aqui perguntas para reflexões. O que é melhorada? notas altas simbolizam isso? mas afinal o que é nota? porquê na rede privada há pouca diversidade avaliativa?

Permaneci nesta instituição particular até o último ano do Ensino Médio, dando ingresso em uma instituição pública de ensino Superior, a qual permaneço até o momento na Universidade Estadual de Campinas. Essa “melhorada” foi mais devido a estar em um outro ambiente, com outros alunos, professores que notoriamente possuíam mais estabilidade psicológica e financeira, os quais conseguiam estabelecer diálogo, amizade e respeito para com os alunos.

Com uma mãe da área da saúde, Técnica de Enfermagem, e convivendo cotidianamente com pessoas e palavras desse meio, minha vontade, desde criança, durante brincadeiras, era ser médica pediatra. Nunca gostei de brincar de ser professora, de

Em lojas de brinquedos que tivessem a seção com jalecos, e aparelhos hospitalares me atraíam, mesmo minha mãe não tendo um grande gosto pela minha escolha, por afirmar haver complicações e riscos.

Faltando 3 meses para a inscrição aos vestibulares, eu havia realizado uma viagem para o Estado da Bahia por motivos de passeio, nesse período passei alguns dias acompanhando o trabalho de um primo pedagogo, formado pela Universidade Estadual da Bahia, UESB, e ele juntamente com uma colega estavam relatando a mudança do comportamento de alunos com

certas atividades aplicadas em aula, conseguindo me captar de um modo muito profundo e fascinante, me impulsionando a dar início à uma busca frenética sobre inúmeros assuntos relacionados à educação, mergulhando e querendo descobrir ainda mais sobre essa área, principalmente textos e supostas explicações para a alfabetização e comportamentos dos docentes.

A mudança um tanto quanto brusca do curso a prestar nos vestibulares, gerou um certo choque, e algumas contestações, como já era de se esperar, pela infeliz fama de profissional desvalorizado o qual essa área carrega, desgosto esse partilhado até mesmo pelos meus professores do Ensino Médio que se dividiam, alguns felizes, outros decepcionados lamentando não só a minha escolha, mas também de alguns outros raros alunos.

O que leva a essa ausência de estímulo? Onde está o orgulho da sua profissão?

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como agente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. (FREIRE, 1996, p.85)

A mecanização do perfil da escola no Ensino médio passou a ser bem perceptível, afinal pelo menos a cada dois meses tínhamos provas aos finais de semana (não obrigatório), porém sempre excessivamente estimulado, sem contar o excesso de avaliação, duas provas dissertativas, uma simulado Enem (elaborada pelos próprios professores), duas provas vindas da instituição Matriz à todas as demais da rede, havendo a obrigatoriedade de que durante essas aplicações os materiais fossem deixados à frente da sala, turmas e anos mesclados, provas viradas para baixo, tempo marcado em lousa, contando ainda para fechamento de nota, as TMs e TCs (Tarefas Mínimas e Complementares), frequência escolar e por último, mas não menos importante nesse sistema, a nota de comportamento. Segundo (Freitas, 2010) a avaliação não cumpre só a função de verificar o conhecimento que o aluno tem, mas ainda controlar seu comportamento na sala de aula e na escola, bem como, pelas práticas cotidianas da escola.

Caso não houvesse o comprimento das atividades avaliativas, esse ‘crime’ não passaria ileso, tendo em seu caderno e/ou apostila um grande carimbo de “não fez”, além da caneta vermelha direcionada ao seu nome no diário do professor, carimbando ali sua incapacidade, sem ao menos questionar, sua história, sonhos, razões, dúvidas, habilidades e capacidades, tudo estava explícita na folha que não continua seu traço, mas outro lado estava aquele carimbo iria lhe causar um grande embaraço.

Realizei vestibulares somente de Universidades Públicas, pois víamos falar da diferença de oportunidades de conhecimentos, nomes, entre outras características fornecidas nesse meio. O período de primeira fase passou, entretanto, a ansiedade, os dedos inquietos buscando qualquer objeto em que pudesse desenhar, a inquietude das pernas aumentava, junto com a pressão da equipe escolar, por estarmos carregando o nome da escola, tínhamos que ser ferozes como prega o logotipo da escola. reprodução social produzida pela escola, e a meritocracia, segue!

A segunda fase da Fuvest chegou. Por realizarmos a prova em outra cidade, íamos sempre em três amigas ou duas, acompanhadas dos pais. No primeiro dia da prova, já estávamos atrasadas, e a correria me fez pela primeira vez na vida esquecer meus documentos, tendo comigo somente a inscrição e canetas. Mesmo sabendo de cor e salteado, com 7 anos fazendo treineiros de vestibulares oficiais, e finais de semanas praticamente quinzenais indo à escola para treineiros, pela primeira vez, em pleno primeiro dia de segunda fase, da Universidade mais nomeada do país naquele ano, USP, cometo este delito.

Fui me dar conta desse ocorrido quase na porta da instituição, os portões faltando aproximadamente 30 minutos para fecharem e estando há mais de 40 minutos de casa por conta do trânsito. Minhas amigas no carro ao ouvirem a situação, viram uma para cada janela e começam a querer chorar, minha reação de choque uma mistura de preocupação não sabia se pela minha situação ou pela reação delas, não havia expressão, não havia o que pensar, como agir, precisava pensar em algo, ria de nervoso mais a mente mal conseguia processar palavra alguma.

Comecei a reagir mais racionalmente quando minhas amigas começaram a chorar por minha causa, precisava parecer calma ou nenhuma de nós conseguiria fazer a prova, uma estava tomando calmante desde o 2º ano por se sentir muito ansiosa, e a outra com diagnóstico depressivo desde o início do Ensino Médio, precisava pensar em algo rápido antes que as coisas piorassem.

A atitude tomada foi de rir, e ligar para minha mãe pedindo uma foto de meu documento, como a mesma sempre teve ótimos conselhos em horas desesperadas, estava torcendo que ela falasse mais uma de suas frases pois estava no viva-voz e não sabia como acalmar minhas amigas, graças a Deus sua frase “agora já foi, vê no que dá, se der deu se não paciência”, para minha sorte o choro foi trocado pelo estado de choque e logo veio um pouco mais de tranquilidade acompanhado de muitos goles de. Chegando na instituição, nos despedimos e a

adrenalina que escorria na face das meninas, começou fazer meu coração bater aos compassos de um velocista, a cada corredor a saliva ia ficando mais difícil de engolir.

Hora de saltar a primeira barra, entrada da sala, aviso mais timidamente que o normal que havia esquecido meus documentos, um sorriso até que simpático é dado acompanhado da frase “está tudo bem, só esperar no final para assinar uma ficha e amanhã você traz tudo”, quando sentei na cadeira, mesmo que com material feito de madeira, parecia que era o assento mais reconfortante, eu havia entrado, agora era concentrar e tentar passar. Percebo que meu desespero não foi o único naquele dia e nem naquela sala, pois logo após minha entrada, chegaram outras três pessoas as quais também haviam se esquecido os documentos. Ao reencontrar minhas amigas, perguntei como elas estavam e disseram que ficaram plenas quando viram em suas salas que pessoas que também esqueceram seus documentos entraram e conseguiram fazer a prova, chegamos à conclusão que de fato por mais desesperador que muitas situações pareçam ser, ao fim tudo dá certo! Mesmo a escola nunca passando essa segurança e confiança.

A segurança que tínhamos era do conhecimento de conteúdo, o tempo médio para cada questão, nível de dificuldade, roupa, horário a chegar, material a apresentar, tínhamos ‘dicas’ até mesmo do tipo de alimento a levar no dia da prova, algo que sustentasse e não atrapalhasse tanto no tempo para realização das provas, entretanto com relação a esquecer documentação, ser pego com ‘cola’, celular tocar em sala, tínhamos a sensação totalmente oposta, insegurança, medo, ansiedade, desespero.

Para Foucault (1987), esses mecanismos de vigilância acarretam no surgimento dos corpos dóceis e submissos, e em uma sociedade como a de séculos passados, e do século vigente. Somos manipulados através das câmeras, placas de fiscalização, coagidos em sala de aula a não olhar nem mesmo para o lado, com o salto de um sapato sendo o som perpetuador no ambiente da sala, indicando vigia e alerta, ocasionando no aperfeiçoamento do adestramento aos alunos, afinal desde pequenos, na educação infantil, já é determinado quando tempo vai para atividade de pintura, onde pode e não pode pintar e até mesmo como irá realizar a mesma.

O outro teste de paciência, era aguardar até as listas de chamadas serem lançadas, e depois aguentar o celular realizar o download, fazendo segundo parecer horas incansáveis, chega dia 2 de fevereiro de 2017, primeira chamada da Fuvest, os olhos corriam como se procurassem agulha em palheiro, e então, agulha encontrada! Coração não sabia se parava ou tinha uma taquicardia. Matrículas virtuais e presenciais realizadas, USP de Ribeirão Preto, curso de pedagogia, mas no dia 8 era preciso realizar a última confirmação presencial, um ponto

a colocarmos aqui é que naquela mesma semana, dia 10, sairia a primeira lista da Unicamp, ir embora deixando cursos e família para trás, ou esperar outras faculdades mais próximas de casa, questão essa que me fazia pensar em meu futuro mais do que nunca, trocar o certo pelo duvidoso, as respostas divinas foram buscadas e então fiz o que deixou muitos preocupados que não compreendiam essa parte. A decisão foi ficar com o “duvidoso”.

Dia 10, primeira chamada Unicamp, agulha não encontrada, dias depois, troquei mais um certo, por ainda um único duvidoso, UFSCar de Araras, curso de Engenharia Agrônômica. Enquanto isso, na Unicamp, passou primeira, segunda, terceira.... e até sétima chamada, teste de paciência e fé à flor da pele, desânimo e um tanto de culpa começou a me corroer. Até que no dia, 20 de março de 2017, enfim, única e última a ser convocada no curso de pedagogia, curso, universidade, convívio social o qual me fizeram crescer como pessoa, como um ser mais crítico e pensante. As mais diversas realidades sociais, econômicas e principalmente o que mais me fascina, a variedade cultural, com isso afirmo, valeu à pena!

Relendo e lembrando tais acontecimentos nessa trajetória escolar, e afirmando que valeu à pena, me sinto mais motivada a acreditar que foi um caminho feliz, mesmo com alguns “traumas”, e palpitações cardíacas geradas pelo meu medo e ansiedade de falar e ter novas aproximações físicas com um(a) professor(a), levando ao meu silêncio em sala. Todavia, talvez seja o momento de encarar o rosto, o qual transfiro para todas as situações desagradáveis em sala que já vi e vejo, reviver o som daquela voz que tinha de ouvir de segunda à sexta, das 7h às 11h em meus plenos 7 anos, em um segundo ano marcante.

Não que a acomodação do meu silêncio vá acabar rapidamente, afinal o meu comportamento de todo o decorrer dos escolares foi decidido como mais aconchegantes no silêncio, na fuga de escapar daquele tipo de relação e de todo e qualquer “diálogo” semelhante. Somos seres muitas vezes dominados, manipulados, mas não lapidados, lapidar é trazer à tona o brilho, a real beleza, para Freire (1996) o interesse dos dominadores é que a educação seja uma prática embelezadora, o qual oculta a verdade. Enquanto que para lapidar e trazer à tona a verdade é preciso dialogar, conhecer o outro, considerar suas capacidades e habilidades, respeitar, sermos éticos, questionar ao outro e a nós. Freire afirma que ensinar é reflexo do buscar, indagar ao outro e a si mesmo, e lutarmos contra o discurso de ética da globalização.

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. (FREIRE, 1996, p.65)

E nessa inconformidade para com a educação, para com as relações, faz-me querer mudar não só o meu ser, mas também, quem está ao redor acreditando que a escola seja isolada, como um fenômeno à parte, fazendo muitos alunos abandonarem esse mundo educacional. O educador(a) tem em seus ombros o dever de fazer a educação ser parte da sociedade e não à parte da mesma, não podemos ser mecanismos pelos quais as desigualdades sociais continuem a permear e perpetuar.

Escolas, países, cultura, concentração de renda entre outros pontos, mas não se engane, o sistema capitalista seja em qualquer país ou continente, França, Itália, América do sul ou norte, Ásia, Oriente ou Ocidente, fazem a reprodução do sistema ser econômica e social, e quem cumpre esse papel é o sistema de ensino.

Para se reproduzir o modelo econômico é preciso uma instituição como a escola que legitime tal reprodução dos modelos culturais e econômicos, com isso podemos perceber uma grande presença de violência simbólica que acaba universalizando as ideologias da cultura dominante. (FOUCAULT, 1987, p.25)

Posso dizer que fazer a mente viajar de volta àquele ano, faça não só a minha pessoa, mas muitos que já viveram e vivem situações semelhantes, visualizar que o céu da educação, ora limpo, ora nebuloso, ora com ventos calmos ou fortes, ora de nuvens carregadas, ensolarado, ora chuva, hora tempo limpo.

Vejam que a educação, assim como o céu, é muito mais que uma visão nebulosa e sombria, condenada ao fracasso, e perpetuação de um sistema, educação é uma viagem com suas variantes, porém cada professor precisa ter sua missão, seu objetivo e ideias firmados, para chegar ao seu destino, portanto, façamos de passaporte, as palavras; de carimbo, a tentativa à compreensão, e para o check-in final, a reflexão. E com isso, embarcaremos também em mais uma carta. Até à próxima!

Atenciosamente,

Ana Júlia S.L. Garcia

CARTA II

EXPERIÊNCIA MARCANTE



Nova Odessa, 18 de setembro de 2020

Cara professora da segunda série do meu Ensino Fundamental I,

Com tantos alunos que já devem ter passado pela sua sala de aula acredito que não vá mais se lembrar de mim, o que é totalmente compreensível.

Estive presente em sua turma na segunda série do Ensino Fundamental I de 2007, em uma escola Estadual da cidade de Americana. Mas venho por meio desta carta, expor uma reflexão para tentar entender não só suas atitudes, mas como a minha formação e personalidades foram modificadas a partir daquele ano. Ainda não sou professora, mas acredito que a sensação de ver um aluno sendo grato pela sua dedicação seja um sentimento no mínimo satisfatório, e creio que um aluno com más lembranças, deva gerar algo variante entre o campo da chateação à indiferença, na pior das hipóteses, e na melhor delas, à reflexão.

Nossos caminhos se cruzaram em uma escola estadual, minha experiência estando em sua turma foi um tanto traumatizante e confesso que quando recebi a proposta de escrever cartas, e principalmente aceitar rememorar aqueles momentos, e tentar compreender foi um tanto árduo, levando muitos goles de água para obter concentração.

Era o ano de 2007, sua fama de professora brava já corria pelos corredores assombrando os alunos. Nossa turma, 2ª série B, composta por cerca de 25 a 32 alunos, tendo meninas em sua minoria.



Hoje, em uma Universidade Estadual, já tendo um mero conhecimento da fragilidade do ensino da rede estadual, dificuldades enfrentadas, e as cobranças lançadas sobre o ombro dos professores, compreendendo melhor alguns esbravejos daquela época, porém deixemos bem claro, compreender não é aceitar!

Compreendemos que nesta sociedade, segundo Varani e Balsamo (2015), a avaliação em larga escala já é vista como um mecanismo necessário para análise da qualidade educacional, porém devemos refletir sobre quais as consequências dessa avaliação em larga escala na instituição pública e na vida dos sujeitos que passam por ela.

Uma observação a relembrarmos, é que a senhora professora, acabava de vir de uma 4ª série, mais um agravante, pois mesmo os anos tendo passado, a 4ª série, hoje renomeada para 5º ano, continua sendo uma turma “pesada” pela carga de cobrança que é colocada sobre os professores e alunos. Peso notável no artigo de Varani e Balsamo (2015).

A gente tinha aquela pressão enorme de não baixar a nota, de IDEB, de IDESP, de Saresp, Prova Brasil e isso e aquilo... era uma pressão muito grande... e você sabe disso... (...). Então vinha lá de cima, o MEC vai e fica “chuchando” prefeitura e estado, daí vem a Secretaria de Educação e pressiona você, e vocês pressionam a gente, e a gente, os alunos. Isso é inevitável! A gente sabe que é. E aí acaba caindo sobre o aluno. (VARANI; BALSAMO, 2015, p.130)

Entendo a cobrança que há sobre as provas governamentais em sala de aula, seguindo uma hierarquia desde à secretaria da educação percorrendo o caminho à escola e atingindo o professor e os alunos.

Acredito que o grito de um professor, seja não só para os alunos, mas principalmente para o seu eu interior, que grita por não saber mais o que fazer, por estar fadado a tantas demandas. O grito pedindo silêncio, seria de fato para o aluno? Ou para que todo esse sistema de reprodução se aquiete? E enfim a frase “vamos fazer o quê, sempre foi assim!” entre para a lista de ‘frases pouco usadas na língua portuguesa’, sempre foi, mas até quando continuará sendo?

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante (FREIRE, 1996, p.18)

A desconfiança para com o aluno, devido ao seu cansaço já tão alarmante podendo fazer com que queira uma sala sem diversidade, em que todos façam o esperado, e compreendam tudo e simultaneamente, felizmente, isso não poderia ser considerado educação. Para Freire, ensinar não é transmitir conhecimento, mas sim, criar possibilidades de produções e construções, o qual nesse percurso, devemos estar abertos a curiosidades, indagações, inibições, e ser também seres críticos, inquietos e inquiridores.

Avancemos para a razão do título da carta, aquele ano, foi um tanto estressante, era uma das poucas da turma que conseguia ler e escrever, éramos uma turma de um caráter social e financeiro mais humilde, com crianças que tinham só o pai, ou mãe, por motivos de falecimento ou abandono, históricos de divórcios, moradia com os avós, relatos de vícios, familiares presos entre outros aspectos.

Meu histórico não coincidia com nenhuma das menções acima, podia me considerar privilegiada em muitos aspectos, em decorrência disso, meu lugar de sentar-me era uma carteira movimentada, fosse para emprestar material ou ajudar com algo.

Um outro momento marcante que também causou meu distanciamento e receio de falar e ter contato com professores até os dias de hoje, foi o fato de nunca ser uma criança que gostasse de ficar longe da mãe, e de que a mesma, foi aquela mãe a ficar na escola mesmo após a semana de adaptação estipulado pela escola, aquela mãe a ter que ir buscar mais cedo, pois sua filha começa a realmente passar mal pelo excesso de choro.

Já não era aquela criança que onde via a professora saíria correndo para abraçar, ou que gostasse de tanta aproximação e contato para com os colegas. Ainda estava me acostumando à uma rotina escolar, e a partir do momento em que uma professora esbraveja e vai além, em seu momento de fúria coloca suas mãos em meus braços em ato de repreensão, me levando para direção. Os dois anos anteriores de simpatia adquiridos pela escola, tinham ido por água abaixo. Ir para escola passou a ser algo detestável, já que eu havia “ganhado” o título de mais bagunceira, não tinha motivos para continuar me esforçando tanto em entender a matéria ou prestar atenção, o estímulo ao interesse que era ajudar o próximo havia sido rompido.

Evidencia-se a hegemonia típica da sociedade “esclarecida”, que, ao invés de possibilitar o desenvolvimento da autonomia, conserva o padrão autoritário da cultura. Deste modo, ela caminha num sentido contrário ao de uma educação que possibilitaria a emancipação dos indivíduos, educação está voltada para a independência intelectual e pessoal e que, segundo Marcuse (1965/2001), embora amplamente reconhecida como discurso, é em sua face verdadeira um projeto subversivo, pois visa a desmascarar a cultura dominante teoricamente democrática que promove a heteronomia sob o rótulo de autonomia, limitando o pensamento e a experiência ao invés de promover sua ampliação. (ANTUNES, 2008, p.36)

Não que a professora em sala tenha consciência total disso, mas sabemos que a educação brasileira é decorrente de um longo período de história, com as suas mais semelhantes figuras no poder, mas é um fenômeno que impossibilita de fazermos mais crianças alcançarem estímulos mais cativantes, sendo essa mudança sempre compartilhada, pois compartilhar faz parte do dialogar, e juntos iniciam a formação da autonomia.

De 2017 a 2018 quando realizei meu primeiro estágio em um 2º ano, havia muitos fatores comuns: Gritos, provas, acusações, impaciência, comparações expositivas do professor de um aluno para com outro, timidez e etc.

A questão ao analisarmos aqui é o trabalho pedagógico, sendo de nossa consciência que se for só para aceitar como as coisas estão, estaremos assinando o fracasso educacional, profissional e conseqüentemente o dos alunos, estamos assinando em baixo a aprovação das crianças crescerem assustadas, e não simpatizando com o ambiente escolar, fazendo-o parecer um local de cenas de filmes de terror não apropriados para suas idades.

O professor deve ser um investigador, pesquisador, reflexivo e mediador. Mas o que é isso? A pesquisa-ação é dada por Toledo (2007) como um meio de aprendizagem profissional docente e a formação do professor como pesquisador. Não é preciso estar em um curso de especialização, ou programas de pós-graduação para ser um(a) pesquisador(a), porquanto pesquisa é explicada como a produção de um novo conhecimento havendo junto a essa ação um aparato teórico-metodológico.

A reflexão não é necessariamente pesquisa e ocupa-se da totalidade, procurando levar em conta várias dimensões e perspectivas. A investigação exige um processo reflexivo “especial”, que demanda a delimitação de um problema, um foco determinado que possa ser estudado com mais profundidade. [...] a reflexão é condição necessária para a pesquisa, que solicita ainda leitura, descrição do fenômeno educativo, certo distanciamento da ação e um tratamento interpretativo e analítico. (CUNHA; PRADO, 2007, p. 276)

Realizar um olhar investigativo sobre o cotidiano escolar, é unir suas reflexões, diálogos com autores, fazendo o professor ter uma formação continuada e a possibilidade de seu desenvolvimento profissional.

Cara professora da segunda série do meu Ensino Fundamental, aquele ano em sua turma, tenho não como uma experiência ruim, mas como a base para minha compreensão de quem sou, de quem quero ser como profissional, e as razões dessa minha motivação para querer fazer diferente. Portanto, obrigada!



Atenciosamente,

Ana Julia S.L. Garcia



CARTA III

PRIMEIRO CONTATO



Nova Odessa, 04 de outubro de 2020

À Ana Júlia do futuro,

Para que eu me esqueça. Após a saída do Ensino Médio, foram dois anos sem retornar aquele tipo de estrutura, afinal o ambiente universitário, salas de aula, turma, disciplinas, espaço estrutural, são muito diferentes ao de uma escola. Minha reconexão com o ambiente escolar, sabia que seria em decorrência dos estágios, podendo ser qualquer ciclo, de educação infantil à EJA (Educação de jovens e adultos), mas entre tantas seriações, anos, e tipos de redes (Municipal, estadual, privada), minha primeira experiência em sala, foi justamente em um 2º ano de uma escola estadual, o exato período e rede que tornou parte dos meus anos escolares odiosos, mas desta vez, entrando com alguns centímetros mais alta, e estando no outro lado da moeda, mas será que são dois universos tão diferentes assim?

Chega dia 15 de março de 2018, após inúmeros processos burocráticos, estou dentro de uma escola. Fui bem recebida pela professora, a qual aqui denominaremos de ¹Carmem,

¹ Por questões éticas de pesquisa, os nomes citados são fictícios.

que também havia chegado à escola naquele mesmo ano, para trabalhar com uma sala de 21 alunos. Segundo os relatos passados da coordenação pedagógica da escola à professora, estas crianças traziam um histórico traumatizante para com a relação entre alunos e professora, no primeiro ano, tanto que muitos pais e responsáveis retiraram seus filhos da instituição no ano anterior. A sala era de uma estrutura simples e tradicional, mesas em duplas voltadas à lousa, poucos cartazes e trabalhos expostos, pintura escolar clara de “pouca vida”, tornando um ambiente monótono (Garcia, ²NE^{OBJ}, 04/08/2018).

Foi um dia satisfatório, pois fui bem recebida e apresentada, finalmente conseguiria dormir, depois de dias de ansiedade esperando esse momento, as crianças vinham conversar comigo, o que mais me cativa, porquanto em minha vida futura serão meu maior contato, portanto aprender como ter um diálogo com as crianças é sempre muito importante.

Todavia esse dia foi uma luta constante contra minha timidez e receios, para que a criança tímida, quieta, e que durante pouco mais de uma década passou dizendo “Amém” para tudo e todos não viesse à tona, ainda mais em um ambiente em que o diálogo se faz essencial, a cada pergunta, solicitação de opinião era um gole de água que devia levar junto o nervosismo.

Neste dia, além da ansiedade, houveram alguns momentos os quais compartilharemos para reflexão. Na primeira situação, a professora nos apresenta a sala e diz que vamos ajudar a turma. Logo ao entrarmos na sala pela primeira vez, sem a professora nem mesmo ter concluído nossa apresentação à classe, um menino, rapidamente levanta a mão e pergunta se vamos ajudar a Henrique. Este por sua vez, descobrimos mais tarde que é um aluno classificado como uma criança em situação de deficiência, porém a escola possuía muitas dificuldades de trabalho com ele, pelo fato da não aceitação de sua condição física e mental por parte dos pais, os quais impediam a escola de ter acesso aos diagnósticos, gerando conflitos e desentendimentos, por conta sem um laudo o trabalho da instituição ficava limitado à ser um espaço em que ele só ia para passar o tempo, e dormir, em decorrência dos remédios tomados, que o faziam ficar muitas das vezes dopado. Essa burocracia dificultava o seu desenvolvimento devido ao pouco incentivo e estímulo (Garcia, NE³, 04/08/2018).

² NE – Narrativa de Estágio

³ NE – Narrativa de Estágio

Após a resposta positiva da professora para a pergunta da criança relatada à cima, menino respira aliviado e agradece, pois agora ele teria uma folga.

Bom, “folga” palavra curta, de complexidade grande, porquê folga? considerando que a relação dos alunos deva ser mútua, qual a cumplicidade seria essa, e o tipo de interação ali estabelecida para a necessidade de uma folga? Quais sobrecargas estão sendo impostas a esse contexto, havendo como consequência um cansaço quando na verdade deveriam ser experiências gratificantes e ricas ao desenvolvimento?

A professora, relatou que com a quantidade de alunos, os que mais precisam e não tinham tanto apoio dela, sendo necessário os demais alunos serem os seus ajudantes, para que os colegas façam as atividades da aula enquanto ela corrige ou tira dúvida de outros alunos.

Entretanto, o observado durante alguns dias em sala de aula, era que a interação entre alunos é em parte ilusória, pois os alunos “auxiliares” não discutiam com o que estava ao seu lado sobre o que e como fazer, mas sim com algum outro “auxiliar” voltando com as respostas anotadas no caderno e falando para o seu “companheiro(a)” copiar, e conforme a velocidade, houve situações em que os próprios “auxiliares” escreveram no caderno de seu amigo de carteira com intuito de agilizar, senão segundo os mesmos, ficariam atrasados.

O ambiente escolar está repleto de informação e opinião, porém segundo Larrosa (2002), esse excesso e obsessão, criando assim um periodismo e tendo como consequência a anulação das possibilidades das experiências. Os sujeitos passam a usar valor de tempo como mercadoria: não se pode perder tempo, é preciso aproveitar o tempo, não pode deixar para mais tarde, esse sujeito, com essa obsessão, não possui mais tempo.

Esse periodismo, a formação da criança o qual tem como produto de mercadoria o tempo, o excesso de demandas avaliativas em sala de aula faz com que o significado de experiência seja generalizado e descartado, prevalecendo informação e opinião, a sala de aula precisa recuperar a vida do que é experiência, ou se for o caso nesta turma, criar.

Criar a experiência, a prática da escuta sensível, do trabalho mútuo, do desenvolvimento e aprendizagem coletiva, para Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24).

O sujeito da experiência passa a ser passional, contudo, isso não implica que seja incapaz de ação, compromisso e conhecimento. Ele possui sua força expressada por práxis e o saber, esse saber de experiência decorre da relação de conhecimento e vida humana.

O segundo ocorrido, é com relação ao tempo, literal e abstrato, o recreio. Este já adianto que em todo o percurso dos estágios, é observado e cronometrado como se fosse uma bomba preste a explodir.

[...] as crianças eufóricas olhando para o relógio só esperando pelo seu momento de escape, a aula de matemática estava encerrando e após o sinal algumas crianças terem saído, um menino timidamente me pergunta “tia, por que elas não conseguem fazer essas atividades fáceis?” Aprecio e respondo que cada criança tem algo que faz com facilidade e outra com dificuldade, mas que todas vão conseguir fazer”, o menino olha e me diz “mesmo se demorarem um pouco?” afirmo que sim e o menino se retira feliz da sala com seu lanche (Garcia, NE⁴, 04/08/2018).

Espero que daqui há alguns anos, quando volte a ler essa carta, ou caso o tempo tenha passado e você, no caso eu mesma, já esteja relendo, se estiver em algum momento desanimador, tenha em mente que a vida é feita de transformações, mas há aspectos que fazem parte do nosso ser, da nossa experiência, o que passa por nós.

Não se esqueça que nunca foi considerada a melhor aluna, o tempo de aplicação de provas, realização de atividade, as dificuldades, exclusões, e por não atender a demanda de muitas escolas pela qual passou foi dada como “fraca”, porém “esforçada”. Lembre-se, cada criança possui um tempo! O que fizeram em seus anos escolares foi transmissão de conhecimento, portanto, faça mediação, escute, ensine, e assim estará minimizando em sua sala as desprazerosas experiências que te passaram!

Ao pensar e relembrar os conteúdos acadêmicos já vistos em que abordam a sociedade e os poderes dominantes, aos quais fazem e desfazem, transformando a educação em uma massa de modelar, ordenando os pensamentos, comportamentos e o tempo de realização das tarefas estipulados à sociedade dominada. Freitas defende que a avaliação deve ser com objetivo de valorização do ensino, todavia a atitude comumente tomada pelas instituições é verificar se a criança encaixa no conjunto de valores.

⁴ NE – Narrativa de Estágio

[...] não se deve esperar que a escola capitalista, que tem entre suas tarefas a de reproduzir e legitimar desigualdades sociais e gerar hierarquias escolares, veja com bons olhos certas proposições inovadoras. Neste sentido é que empregamos a frase: a teoria na prática não convém. As novas formas de organização escolar terão que nascer do bojo da luta dos trabalhadores da educação [...] por uma escola de qualidade para todos. (FREITAS, 1991, p.17).

Nas palavras de Paulo Freire (1987) “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Sendo assim, continuemos!

Atenciosamente,

Ana Julia S.L. Garcia

CARTA IV

PRIMEIRA ATUAÇÃO



Nova Odessa, 20 de outubro de 2020

Caros estudantes de pedagogia,

A primeira atuação, a gente nunca esquece, dia 14 de maio de 2018, segundo semestre da faculdade, quando apresentada na disciplina de estágio a proposta de realizarmos um projeto de atuação, logo após esse primeiro anúncio, as mãos já suavam e as pernas começaram ficar inquietas, o nervosismo começava entrar em ação. Felizmente para maior segurança e tranquilidade da turma, realizaríamos aquele projeto de atuação em dupla.

Apresentação:

A proposta de atuação foi pensada para os alunos do 2º ano C da Escola Físico Sergio Pereira Porto, no município de Campinas. Uma classe de alunos com diferentes níveis econômicos e socioculturais, nessa turma há alunos que são considerados mais desenvolvidos e outros com maiores dificuldades, devido a essa análise foi pensado em uma sequência de atividades em que houvesse a interação de todos os alunos.

Descrição da atividade:

Para essa dinâmica foi dado o nome de “autores por dia”, inicialmente faremos uma roda com as crianças onde será apresentado um objeto feito por nós para estimular a imaginação das crianças, a partir de então o brinquedo será passado de mão em mão, fazendo com que os alunos por meio de sua criatividade e capacidade de imaginação, criem uma história em conjunto. Após a brincadeira iremos na lousa e listaremos palavras citadas na roda da história, sendo que essas palavras serão mencionadas pelas próprias crianças, e todos copiarão essa lista em seus respectivos cadernos. Em seguida as crianças desenharão a parte da história que mais lhes interessou.

Nos 10 minutos finais da aula, escolheremos algumas palavras citadas durante a roda da história, e em seguida será realizado o jogo da forca.

Objetivo pedagógico:

Nessa dinâmica, temos como intenção possibilitar um maior desenvolvimento da escrita e da lógica, um contato com o lúdico e dar continuidade a prática da criação. (Garcia, NE⁵, 07/05/2018)

Tínhamos nos programado tanto uma ampliação quanto uma redução da atividade para caso ocorresse algum imprevisto fosse de “sobrar tempo” ou de não haver tempo hábil suficiente, todavia, nosso primeiro imprevisto dentre muitos que viram ocorrer nesta área, e o qual com certeza não foi cogitado por nós, Carmem havia se esquecido de nossa aplicação para aquele dia, fazendo-nos após os olhares estagnados por alguns segundos modificar rapidamente parte da proposta e o tempo determinado à mesma, mas infelizmente não vou saber dizer como fizemos tão agilmente essa adaptação.

A minha proposta de atuação foi feita em conjunto com uma colega da sala de aula, e se divide em três fases:

1º- Inicialmente pretendíamos fazer uma roda com as crianças, onde apresentaríamos um objeto feito por material reciclado (rolos de papel higiênico pintado), formando um brinquedo, o qual as próprias crianças decidiriam o nome.

2º- Esse objeto passaria de mão em mão fazendo com que os alunos por meio da criatividade criassem uma história juntos, com cada um falando uma frase e dando assim continuidade a história.

⁵ NE – Narrativa de Estágio

3º- Após a história nós iríamos na lousa e seria listado palavras mencionadas pelas próprias crianças na história, copiando-as em seus cadernos, desenhando também a parte que mais lhes interessou. Nos 10 minutos finais realizaremos um jogo da forca.

Assim que chegamos na escola e fomos perguntar para a professora notamos que ela havia esquecido da nossa programação, devido a uma certa pressa da professora tivemos que mudar algumas coisas. As crianças quando sugeridas para fazermos uma roda no chão, a maioria ficou olhando não sei se tentando entender o que estava acontecendo ou espantadas com uma atividade nova em sala.

Feita a roda explicamos a atividade com um exemplo, iniciamos a atividade com Henrique, uma das crianças que tem dificuldades, diagnosticado com uma deficiência. Ele rapidamente inicia a história, falando o nome e sobre o que ele(brinquedo) gostava de fazer, fiquei realmente feliz, pois naquele dia o Henrique pela primeira vez não havia dormido a tarde como faz de costume, e nas atividades posteriores à roda da história se mostrou realmente empolgado, os olhos deles brilhavam e os meus brilhavam junto.

As crianças na primeira rodada falaram somente características/ gostos do brinquedo, refizemos a atividade, dando outro exemplo, e começamos pelo Vinicius um menino que estava ao lado direito da Rafaela, esse aluno teve dificuldades para criar o início da história, levando alguns minutos para conseguir falar algo, mesmo com a ajuda e ideias dos amigos, algo que me deixou profundamente intrigada e um tanto quanto pensativa por ver que a educação está encaminhando para uma linha em que os alunos apenas reproduzem, essa reflexão se deve pelo fato de que a professora se demonstra extremamente empolgada ao falar que ele (Vinicius) é o melhor aluno da turma, e não esconde demonstrações frente a classe, tanto que quando algum aluno erra ele é o convocado para corrigir, seja questões matemáticas ou gramaticais. O problema visto por mim foi que as crianças em que aplicamos essa atividade, o qual estão no nivelamento esperado pelo governo⁶, encontraram dificuldades para conseguirem dar continuidade na história, enquanto que as consideradas atrasadas, não encontraram tantos empecilhos, concluindo assim que as crianças que querem fugir dessa monotonia escolar, quando colocadas frente a uma atividade em que é necessário desenvolver o imaginário ou que quebram a rotina, se demostram mais interessadas enquanto que algumas das consideradas avançadas acabaram por se travando um pouco.

Para o restante da atividade de atuação, os alunos citaram apenas três palavras contidas na história, copiando-as respectivamente em seus cadernos, logo em seguida voltaram

⁶ Referente ao IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

a copiar a rotina da classe e a aula deu continuidade como nos demais dias. (GARCIA, NE⁷, 21/05/2018)

Aquele cotidiano estava sendo rompido, segundo Esteban (2002), em seu texto, “A avaliação no processo ensino/aprendizagem: os desafios postos pelas múltiplas faces do cotidiano”, o cotidiano é um momento e espaço, no qual a previsibilidade predomina. E considerando que as crianças nos perguntavam se estávamos “pregando alguma pegadinha”, com certeza já havia instaurada uma certa monotonia do dia a dia escolar, mas, dentro dessa rotina há pequenas diferenças.

O cotidiano é espaço/tempo de imprevisto. Sua imprevisibilidade, no entanto, não significa a inexistência de largos momentos/lugares absolutamente previsíveis. Sendo lugar da previsão, repetição, do saber, é também seu oposto. Sempre igual e sempre diferente, o mesmo e o múltiplo, a simplicidade e a complexidade: oposições que dialogam no cotidiano. Assim cotidiano: tempo/espaço em que a vida se realiza (ESTEBAN, 2002, p.131).

Naquele dia, a pequena diferença era atividade de atuação e as estagiárias, vendo a vida se realizar. Feita a roda explicamos o exercício com um exemplo, teríamos que passar um objeto feito por nós, e a história deste ia ter que ser montada aos poucos por cada aluno, até concluirmos o desfecho.

Conforme citado em (Garcia, NE⁸, 21/05/2018) na primeira rodada da nossa aplicação as crianças falaram somente características/gostos do brinquedo, como por exemplo: brincar de bola, comer muita pizza, parecer ser legal, ter muitos amigos na escola, entre outros. Refizemos a atividade, dando outro exemplo, e iniciamos com Vinícius⁹ (denominado pela professora como um dos alunos e de perfil nível Unicamp e USP), mas este por sua vez, apresentou dificuldades para criar o início da história, levando alguns minutos para conseguir elaborar algo, mesmo com ideias dos amigos.

Esse momento causou-me um instante de reflexão, porquanto relatamos aqui, que Vinícius, o aluno nível Unicamp, o ajudador da sala de aula, junto a outros “alunos exemplares” por estarem diante e uma atividade atípica da prática da sala de aula, sem envolvimento de tempo determinado, nota, competição, acertos e erros, foram os que mais possuíram dificuldade na construção da história coletiva, diferentemente dos demais alunos considerados “atrasados”

⁷ NE – Narrativa de Estágio

⁸ NE – Narrativa de Estágio

⁹ Nome fictício

os quais tiveram uma maior facilidade. O momento de socialização em grupo é essencial para fundar-se a consciência, sendo esses momentos um instrumento de construção para o conhecimento.

A monotonia escolar, repetição de atividades e meios avaliativos, a rotina recorrente, causa a robotização de uma parte das crianças, por não identificarem e reacear pelo que é esperado quando expostos à uma atividade que exija um maior nível de interação ou o desenvolvimento do imaginário havendo como consequência maior dificuldades na elaboração, oralização e organização, enquanto que a outra parte da turma, o qual não possui tanto interesse nessa monotonia, se empolgam com os diferentes estímulos, e participam sem hesitar.

Ao longo desse estágio, foi possível vivenciar diversas experiências em que com certeza aprendi e adquiri muitas coisas com aquelas crianças, vi nelas um olhar mais humano, uma capacidade de conseguirem resolver e consolar os amigos que possuem problemas pessoais (como uma menina que teve os pais divorciados e chorava intensamente nas aulas, e mesmo com a professora e diretora era difícil para ela conter as lágrimas), e as suas amigas davam conselhos, exemplos e coisas que aconteciam na separação que para mim eram delicados e receosos de dar, mas que surpreendentemente a acalmavam e consolavam. Também foi possível constatar e vivenciar questões e experiências compreendendo o que os textos, livros, teorias e relatos tentam transmitir ao lidarmos com a vida em sala de aula.

Tive várias dificuldades, as quais sei que foram as primeiras de uma linha interminável de obstáculos e surpresas, e em muitas tive que recorrer a minha memória e a criatividade para tentar fazer de uma teoria algo que na prática chamasse ou envolvesse melhor os alunos ou uma melhor relação entre eu e eles, nessas tentativas tive diversas situações de erros, acertos, estresses, emoções, carisma e etc.

Na Universidade com os relatos dos colegas de seus estágios e com a minha vivência, pude perceber que muitas situações em que foi feito o uso da autoridade sem respeito, usando dessa autoridade para castigar, julgar um aluno sem dar a ele o direito de justificativa, expor algo ou alguém, amedrontar, entre outras questões vistas durante e em alguns momentos em que estava presente na escola, atitudes estas que acarretavam e ainda ocasionam no distanciamento da prática de formar, e a aproximação do ato de transmitir.

Nesse decorrer de experiências pessoais com crianças e no estágio é notável que as crianças sempre vão demonstrar quando algo não está mais dando certo para elas, quando o interesse acaba, quando a dinâmica não é atrativa, mesmo que seja um pequeno sinal, cabendo a nós decidirmos por um meio que leva a autoridade sem respeito, aulas sem dinâmica, um

caminho mais estressante em que estudantes e alunos são meros reprodutores, ou um caminho em que andamos em constante reflexão para sempre tentarmos melhorar nossa prática.

Ao longo deste estágio, foi possível vivenciar diversas experiências em que com certeza aprendi e adquirir muito conhecimento de vida com aquelas crianças. Vi nelas um olhar mais humano do que em muitos adultos, uma capacidade de conseguirem resolver e consolar os amigos e seus problemas pessoais (como a vivência do divórcio dos pais e choros intenso nas aulas, e mesmo com consolo da professora e diretora ainda era difícil para a aluna conter as lágrimas), porém, suas amigas davam conselhos, exemplos e consequências que aconteciam na separação que para a minha pessoa eram delicados e receosos de dar, mas que surpreendentemente a acalmava e consolava.

Houve inúmeras dificuldades e situações que olhando hoje não agiria ou falaria como no momento, mas essa reflexão foram as primeiras de uma linha interminável de obstáculos e surpresas. Muitas situações tive que recorrer a minha memória e a criatividade para tentar fazer da teoria algo que na prática envolvesse mais os alunos ou desencadeasse uma melhor relação entre mim e eles, nessas tentativas tive diversas situações de erros, acertos, estresses, emoções, carisma e etc.

Como estagiária passei pelas experiências boas e ruins, fui acolhida pelos funcionários e alunos com muito carinho, mas houve situações de desconforto como ocorre em todos os ambientes que convivemos. Presenciei atitudes de alguns profissionais frente aos problemas pessoais enfrentados pelos alunos, nos quais ficava admirada com os conselhos dados pelo educador, pois era notório o respeito para com a criança através de perguntas de aspectos como a crença, vida pessoal para enfim auxiliar e confortar a mesma. (GARCIA, NE¹⁰, 18/06/2018)

Com essas análises e lembranças registradas, pretendo sempre aprender e andar em continua reflexão para não cair na monotonia de uma aula. Espero fazer dos alunos não reprodutores, mas pesquisadores daquilo que lhes movem, intrigam e motivem, e que a cada dificuldade eu consiga consultar experiências, relembrar situações e textos que me possibilitem um caminho para tal resolução, permitindo que cada vez mais a bagagem da experiência cresça.

Um abraço e sucesso a nós em nossas atuações!

¹⁰ NE – Narrativa de Estágio



Atenciosamente,

Ana Julia S.L. Garcia



CARTA V

DOIS ESTRANGEIROS E UMA ESTAGIÁRIA



Nova Odessa, 26 de novembro de 2020

Aos estagiários com estrangeiros em suas salas,

Nesse percurso como estagiária, considero cada experiência, não momentos para aprender a ensinar, mas sim, para aprender a aprender! Cada vivência era um aprendizado do que me atraía ou não em sala de aula, de como a vida em sala é uma constante de inconstantes.

No segundo semestre dia, 30 de setembro de 2019, mesmo sendo os mesmos alunos, mesma equipe, mesma professora, um fator era diferente e mexia com minha ansiedade e minha capacidade de falar outro idioma, Angélica¹¹, chegada da Nigéria há pouco tempo, com pai médico e mãe cursando enfermagem na Unicamp.

Nosso primeiro encontro para a minha pessoa teria sido na sala de aula, mas ao entrar e ser apresentada a ela, a mesma me contou que já me conhecia, de quando nós, estagiárias chegávamos e dávamos bom dia às crianças do ponto de ônibus. Nunca achei que um simples “bom dia” rotineiro, facilitaria a aproximação com criança.

Antes de me relacionar com ela em sala de aula, sua imagem foi construída pelas palavras da professora. Diziam que era uma criança fechada, tímida, esperta e geniosa de não gostar de muita ajuda. Contudo com minha aproximação com o passar dos dias estagiando,

¹¹ Nome fictício

essas ideias foram desconstruídas, pois percebo que Angélica era uma criança muito esperta, a qual os pais a ensinaram a “se virar sozinha” na sala de aula para que não precisasse ficar pedindo ajuda de colegas e professores, por conta disso, ela copiava todas as palavras e frases que não compreendia para em casa pesquisar o significado. Angélica como outras crianças gostava de brincar, correr e conversar, entretanto não se sentia bem aceita pela turma e optava por ficar mais afastada.

Vejo na sala cartazes da localização da Nigéria com algumas anotações, por exemplo clima e idioma. Puxo uma cadeira para sentar-me ao seu lado e lhe solto um sorriso (afinal esse é símbolo universal), pergunto como ela tem se sentido no Brasil, se está com saudade de seu país, como está com os colegas na sala de aula, ela se retrai um pouco e a resposta da criança de 9 anos foi “aqui alguns são legais, outros nem tanto, tem gente que nem olha para nossa cara, sei lá não entendo algumas pessoas daqui, prefiro meu país, mas meus pais estão aqui para termos uma vida melhor então... (sacudida de ombros)”. E para você, meu caro leitor conseguir compreender melhor o porquê dessa resposta, e o que há por trás dessa fala que a torna tão pesada, principalmente vinda de uma criança de 9 anos, é um fator que não foi mencionado anteriormente. Angélica, além de ser de um outro país, veio para uma nação que segundo dados da pesquisa *Expat Insider 2019*, reportado pelo Folha de São Paulo, o Brasil é um dos piores lugares do mundo para estrangeiros viverem principalmente em decorrência dos critérios de bem-estar, segurança pessoal, alto custo para obter uma vida estável, e insatisfação com a educação brasileira.

Figura 1 - Pesquisa Expat Insider 2019

Pesquisa Expat Insider 2019

Os piores países para morar segundo estrangeiros

64	Kuwait
63	Itália
62	Nigéria
61	Brasil
60	Turquia
59	Índia
58	Reino Unido
57	Grécia
56	Rússia
55	Coreia do Sul

Os melhores países para morar segundo estrangeiros

1	Taiwan
2	Vietnã
3	Portugal
4	México
5	Espanha
6	Singapura
7	Barein
8	Equador
9	Malásia
10	República Tcheca

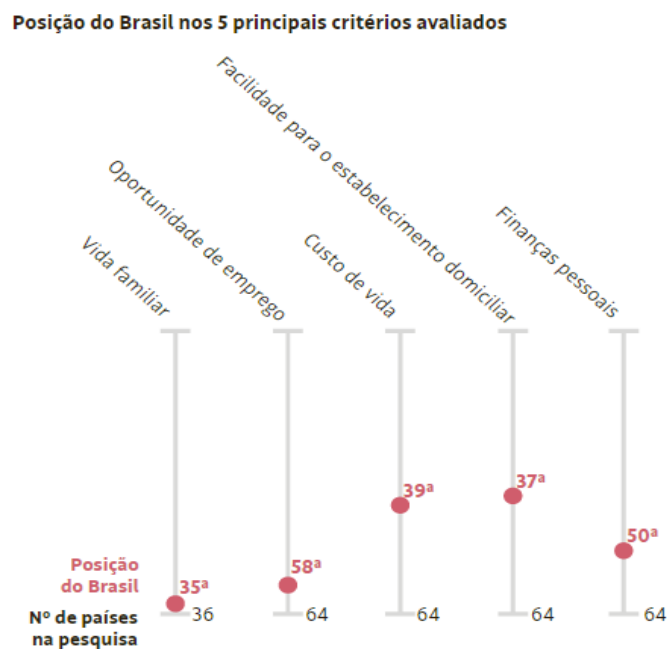
Fonte 1 - FOLHA S. PAULO, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/09/brasil-e-um-dos-piores-lugares-do-mundo-para-estrangeiro-viver-diz-relatorio.shtml>

Figura 2 - Classificação geral do Brasil nos últimos anos



Fonte 2 - FOLHA S. PAULO, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/09/brasil-e-um-dos-piores-lugares-do-mundo-para-estrangeiro-viver-diz-relatorio.shtml>

Figura 3 - Posição do Brasil nos 5 principais critérios avaliados



Fonte 3 - FOLHA S. PAULO, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/09/brasil-e-um-dos-piores-lugares-do-mundo-para-estrangeiro-viver-diz-relatorio.shtml>

Além desses fatores, um outro critério problemático para o bem estar social, econômico e psicológico, é o fato de Angélica ser uma criança negra, em uma sala predominantemente com crianças brancas, e em um país racista. E para dificultar sua socialização, mesmo com todos os fatores desastrosos da nossa sociedade brasileira, nessa sala, ainda havia a estagiária,

consideravelmente perdida em não conseguir falar muito bem o inglês e ainda com a dúvida de como trabalhar essas questões políticas e polêmicas.

Para o Sociólogo Alex André Vargem, membro do IDDAB (Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil) como a “fama” de brasileiros serem receptivos e amáveis ainda é forte, o racismo com imigrantes é em partes oculto, fazendo com que esses estrangeiros, segundo o sociólogo, sofram ‘racismo à brasileira’.

Em reportagem ele enumera alguns dos casos coletados ao longo de seus onze anos de trabalho, contendo também parte pertinente de uma entrevista com o mesmo, sobre as questões de racismo sofrido por imigrantes no Brasil, conforme descrito no [ANEXO A](#).

Com o tempo, fui me aproximando de Angélica, e percebendo quando alguém chegava perto, ela ficava em silêncio ou se afastava. Observando seu comportamento receoso para com as outras crianças, na expectativa de criar um vínculo de confiança maior, perguntei-lhe se sentiria mais à vontade conversando comigo em inglês, fosse em escrita ou oralização, para que ninguém mais soubesse seu medo, e suas dúvidas da matéria, ou até mesmo conversas rotineiras. Todavia, tinha comigo que não conseguiria manter essa estratégia de fornecer conforto por muito tempo em decorrência do meu inglês não ser fluente.

Meu inglês, escrita e a oralização não eram fluentes, recorri a um mecanismo muito eficiente, o google tradutor, como Angélica já estava a algum tempo na escola, relatou-me que seus pais a ensinaram a digitalizar os textos do português para o inglês. Por intermédio de meu celular isso a possibilitou fazer os exercícios junto com a turma, não tendo mais que ficar com seu tempo ocioso e realizar todas as atividades em casa com auxílio do pai.

Meu auxílio e atuação era mais ativo em atividades em grupos, momentos estes muito aflitivos, porque via as crianças relutantes em aceitar opiniões de uma criança estrangeira e negra, sendo estagiária possuía a liberdade de ficar em pé na sala e andar pela mesma, observava e ouvia alguns alunos agindo indiscretamente olhando para Angélica e fazendo comentários entre si. Quando esta aluna se expressava e não agradava aos grupos fechados, por exemplo ao realizar operações matemáticas utilizando métodos aprendidos na Nigéria, ou em algum trabalho em grupo que requeria sua opinião, surgia o seguinte rumor “você é estranha”, e simplesmente os demais alunos a ignoravam. Essas atitudes, doíam em Angélica e consequentemente em mim também, afinal sabemos os pré-conceitos por detrás daqueles olhares, falas e julgamentos.

Na tentativa de conscientizar as crianças e gerar uma inclusão maior de Angélica no grupo, realizava breves “rodas de conversa”, breves, porquanto não me via no direito nem na

liberdade de tomar a frente da professora para discutirmos o que estava acontecendo devido a constante ênfase de que precisávamos ‘correr, pois a classe estava atrasada’.

Analizando a necessidade de trabalhar uma questão sociocultural relevante, e simultaneamente tendo que ‘correr’ com a matéria, havia um sentimento que não me permitiria simplesmente seguir com conteúdo. Para o educador e filósofo Paulo Freire, em seu texto, ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos, para o autor: “na verdade, não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como homem.” (FREIRE, 1993, p. 79)

Em decorrência desse sentimento, e de certo modo ‘burlando’ o plano de aula, visando trabalhar a questão sociocultural com as crianças, agachava-me ou apoiava a mão na carteira para dar a ilusão a professora de que estava olhando e/ou explicando algo da apostila.

Em atividades conjuntas os alunos permaneciam em suas respectivas carteiras com apenas uma leve mudança da posição costumeira, e era nessas ‘rodas’ de trabalho em equipe onde aconteciam a exclusão de Angélica, e a situação a qual aproveitava para burlar o plano de aula. Nessas rodas, para eu não ser ‘descoberta’ conversávamos baixo, afinal, os exercícios tinham que ser realizados por conta da turma “estar atrasada”, nessa instituição, a demonstração de preocupação era o resultado das provas.

O modo como esses alunos são treinados para esse tipo de avaliação é lamentável, o objetivo da educação deve ser melhorar a educação e não aumentar a pontuação da instituição em testes. Para Geraldi (2012) “Muitos vão passar horas preparando seus alunos para responderem a esses testes, e os alunos não vão aprender os conteúdos exigidos nas disciplinas, eles vão aprender a fazer essas avaliações” (p.45)

Já estava sendo semanas complexas e desafiadoras com as inúmeras tentativas de inclusão e diálogo já narradas anteriormente, então sou surpreendida com a chegada de Leo,¹² um menino Equatoriano de 8 anos o qual havia se mudado para o Brasil com sua família há 15 dias, e para meu ‘teste cardíaco’, ele ficaria com a turma em que atuava como estagiária. Meus sentimentos eram de preocupação em como lidar com duas culturas tão ricas em meio à um ambiente tão preconceituoso, mas ainda assim animada era mais uma ênfase para tentar mudar algo, devemos sempre considerar que experiência é a fonte da aprendizagem, e a vivência coletiva da educação sendo o meio a dar tom/voz aos caminhos trilhados pela comunidade educativa.

¹² Nome fictício

A apresentação feita pela coordenadora para a turma e à professora, foi ao meu ver, extremamente decepcionante. “Esse é o Leo, ficará aqui na turma com vocês, você veio da onde mesmo Leo?” Notava-se que o menino estava muito tímido e não compreendendo o que estava sendo dito. A coordenadora então foi chamada rapidamente, retirando-se da sala, deixando alunos curiosos, uma professora e uma estagiária sem nenhuma informação da criança, e a mesma extremamente envergonhada. Não sabíamos nem ao menos seu idioma, Leo não conversava conosco, única coisa que obtivemos foi a sacudida de cabeça em sinal positivo quando perguntado se ele “hablava espanhol”, e após isso, a professora solicita que todos sentem e conversem depois, partindo para as atividades da apostila, ficando a sala de aula ao meu ver com clima desconfortável, sem uma recepção calorosa, sem um planejamento de receptividade, como uma roda de conversa com imagens ou só o diálogo mesmo, para que Léo conhecesse a cultura brasileira e nós à equatoriana, sem uma introdução de quem estava iniciando na turma e que turma era essa. Segundo Rios (2008), é na diferença e na reciprocidade de papéis que vai se constituindo o evento que se chama aula.

A cena seguinte é uma estagiária chocada com a sequência dos acontecimentos, que falava pouco inglês e do espanhol arriscava somente o ‘portunhol’, com uma nigeriana passando por dificuldades de adaptação à turma e a cultura, e agora, um menino recém chegado do Equador, pelo qual sabia-se somente seu nome e que falava espanhol, e diga-se de passagem, naquela situação eu não conseguia raciocinar nem onde estaria o Equador, e para completar a cena, uma recomendação da professora, “Ana ajude ele nas atividades”. Todavia que atividades, se ele não tinha nenhum material didático do estado, então vem a sugestão da professora de fazê-lo copiar de alguém.

Minha inconformidade era enorme, tinha vontade de fazer a *fita voltar*, qual sua cultura? Como é seu país? lá é quente ou frio? O que gosta de comer? Qual a comida típica da sua região? Como era sua escola? É parecida com a nossa? não sabia nem da onde aquela criança era. Como eu ia ajudar? Mesmo trabalhando as questões anteriores, não seria a mesma interação entre eu e ele, e o estrangeiro e a turma, estávamos em uma instituição escolar, nossa obrigação vai além de copiar e responder.

Ninguém pode ser investigador em Educação fechado numa redoma. Quer queiramos quer não, andamos sempre misturados com as práticas, com as instituições, com as políticas. Mais vale reconhecer esta condição do que ignorá-la. (NOVOA,2015, p.19)

A educação é realizada através das experiências, e educar não é reproduzir. No texto, “Reprodução, contestação e currículo” de Michael Apple, o autor tem enfatizado a questão



curricular, pelo qual para ele, a escola produz e reproduz, e o professor deve assumir seu papel político, pois mesmo a educação sendo voltada ao trabalho ela pode ser emancipadora, e o aluno estar na instituição escolar, não indica que seja um ser passivo. “A maior parte das atividades pedagógicas, curriculares e avaliativas mais importantes é planejada de tal modo que os alunos interagem com o professor individualmente, não uns com os outros. O professor ‘gerencia’ o sistema.” (APPLE, 1989, p.46)

A educação é uma abrangência relacionada a capacidade de ensinar e aprender que o ser humano possui conforme do meio/comunidade/ sociedade em que está inserido, é uma relação de ensino-aprendizagem, pela qual a educação vai se formando através de situações presenciadas e experiências.

Opto por fazer o que achava correto, apesar de meu ‘portunhol’ não ajudar muito, estava tão fora de mim que havia me esquecido de meu recurso tecnológico mais utilizado nos últimos estágios, então Angélica diz “professora, o seu celular tem o google tradutor, lembra? Pega ele para conversarmos com o Leo”, nessa fala, seu “conversarmos” me fazia saber, eu não estava sozinha nesta descoberta pelo estrangeiro. Angélica ensinou muito mais à Leo do que eu poderia conseguir, mostrou-lhe locais na escola, como usar recursos do google para traduzir os textos meios dos quais eu mesma desconhecia, fez uma lista de palavras que eram fáceis de falar com os brasileiros, palavras difíceis mas que usamos muito na escola, como “banheiro”, “bebedouro”, uma das palavras que mais me chamou atenção foi a “avaliação”, nas palavras dela, “algo que você precisa fazer porque vai ter uma nota, juntar com um monte de outras coisas, e se você não fizer vão chamar seus pais”.

Segundo Freitas (1991, p.16), a realidade da sala de aula está permeada pelas formas de avaliação.

O exame, como estratégia de ruptura da relação intersubjetiva na produção individual e coletiva do conhecimento vai inserindo os estudantes num complexo processo de supervalorização do indivíduo, desterritorializado, afastado das experiências, contextos e produtos locais, que está vinculado à dinâmica imposta pelo modelo econômico dominante, mantendo os processos de subalternização. [...] O exame se realiza como dispositivo em que o aperfeiçoamento técnico apaga a necessária reflexão ética. (ESTEBAN, 2009, p.130)

Questões éticas e morais são importantes no campo educacional, em Rios (2008, p.2), “enquanto a moral se define como o conjunto de valores, regras, normas que dirigem as ações dos indivíduos em sociedade, a ética se apresenta como uma reflexão crítica sobre a moralidade.”

A escola não consegue promover a equidade, considerando equidade o meio de exercer o direito de justiça, um julgamento que respeite o direito à igualdade, ou pelo menos o considerado mais justo para ambas as partes. Todavia a escolarização deve ao menos tentar propiciar o apoderamento de conhecimentos relevantes para o sujeito e sua comunidade, havendo uma perspectiva emancipatória, aspecto este considerado indispensável para uma sociedade mais justa e igualitária.

Esses dois estrangeiros me fizeram aprender muito, não só sobre eles, mas também sobre mim, foram tantos momentos que fica difícil selecionar somente alguns para contar a vocês.

Acredito que nessa relação de aprendizagem conjunta, nossas atuações começam a demonstrar o sentido ético delineando nosso trajeto educacional, impedindo consequentemente a proletarização, o qual por sua vez mostra o controle ideológico fazendo o trabalho do educador perder o sentido. De acordo com Bragança (2009) “ A proletarização é a perspectiva da docência desencarnada de sentido, uma atuação em que não pulsam vida, desejo e projetos de futuro, mas apenas o cumprimento mecânico de discussões e definições sobre a prática educativa.” (p.90)

Portanto, para pulsarmos a vida e estimular o educador intelectual crítico que deve florescer em cada um de nós a cada experiências partimos aqui para alguns relatos sofridamente selecionados, sendo eles chamados de: *O google tradutor*; *A formiga saúva*.

O Google tradutor

Chego faltando apenas 3 minutos para bater o sinal devido ao circular interno, mas nesse dia não estava afim de ir para o estágio por conta do cansaço e acúmulo de atividades acadêmicas além do estresse com o convívio e insatisfação com alguns episódios ocorridos no estágio.

Minhas expectativas de um dia insatisfatório foram felizmente desfeitas, nesse dia, Leo e Angélica estavam mais animados e agitados do que nunca, vendo a empolgação deles em seus mais singelos sorrisos meu estresse parecia simplesmente ter desaparecido.

Comecei a “ajudar” Leo com as tarefas de matemática, a professora me diz que ele é muito devagar e preguiçoso para fazer, não me conformei com a situação, afinal já tinha visto ele fazer contas consideradas difíceis e mentalmente. Terminamos o exigido pela apostila e comecei a passar operações com maiores, de 3 e 4 dígitos de subtração, adição, divisão e multiplicação, para minha surpresa ele conseguiu fazer praticamente todos, percebo então que

ele não fazia as outras atividades não por preguiça ou não saber, mas sim, por aparentemente serem questões fáceis para ele.

Leo mostrava gostar muito de calcular, era como um desenho animado, em que o personagem ficava como uma estátua olhando para uma paisagem e números começam a saltar de sua mente, e de repente, um movimento, a escrita do resultado final. Juntos começamos criar operações matemáticas, todavia surgiu com uma conta de divisão, um tanto desafiadora para sua curiosidade, nela, Leo acabou se confundindo ao passar alguns números para debaixo da chave da divisão, e me pergunta que deveria fazer, fiquei alguns segundos pensando “Meu Deus há inúmeros modos de fazer algo matemático, como vou explicar se nem ao menos entendi ainda o raciocínio dele”, lembro-me então, das minhas aulas de Escola e Cultura Matemática, o qual o professor sempre enfatizava, não existe um só modo de resolução, e o erro é acharmos que há somente uma forma, olho para Leo e digo-lhe que mostrarei o jeito que eu aprendi que talvez possa ajudar, porém que ele pode pensar e ter aprendido de outra maneira, e depois nós poderíamos buscar conhecer outras formas de realizar aquela atividade, ele demonstrou-se ainda mais empolgado confirmando sua curiosidade com seu pulinho na cadeira para poder ver melhor o que minha mão estava traçando. (GARCIA, NE¹³, 07/10/2019)

Essa cena mostra a curiosidade que deve mover o educador e as crianças:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não **aprendo** nem **ensino**. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade **domesticada** posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou conhecimento cabal do objeto. (FREIRE, 1996, p.34)

Chega a um certo ponto em que percebi que ele havia se cansado, afinal já tínhamos visto muita matemática, e penso se estivéssemos em uma situação de ateliê ele provavelmente escolheria outro a essa altura.

Leo então solicita meu celular para descobrir como é banõ em português, penso então em fazermos um tipo dicionário, e assim fomos fazendo, eu perguntava algo do português para o espanhol, ele falava como pronunciava e eu repetia, e depois ele perguntava algo do espanhol para português eu pronunciava e ele repetia e assim fomos formando nosso dicionário. O ápice desse momento foi quando perguntei como pronunciava cachorro, que em sua língua era perro,

¹³ NE – Narrativa de Estágio

foram inúmeras tentativas, Leo variava seu modo de falar, às vezes mais alto, devagar, abrindo mais à boca, só faltava falar letra por letra, mas ele estava persistente e realmente empolgado em me fazer aprender falar cachorro em seu idioma, eu estava quase desistindo, na verdade cheguei a falar para tentarmos outra palavra. Sua expressão facial mudou e aquilo para mim foi como ser atingida por um raio, como peço e futuramente pedirei para um aluno realizar certas atividades e quando chega na minha vez de fazer eu desisto?, como me agacho para conversar olho no olho, mas não igualo minha persistência de aprender com a dele?, volto atrás no mesmo instante, e digo que vou aprender falar cachorro, recebo o melhor sorriso que eu vi naquela semana, com muito custo e paciência de Leo, a pronúncia correta de 'perro' saiu. (GARCIA, NE¹⁴, 07/10/2019)

Não estava ali para pronunciar somente as palavras fáceis para mim, precisava estabelecer uma relação horizontal.

Se sou professora, pesquiso para ampliar meu saber, sim, mas também para ampliar a qualidade de partilha que faço desse saber com os alunos. Mais ainda: para que esse nosso saber possa ser construtor de um mundo em que o direito de todos a todos os saberes possa ser plenamente vivenciado. É isso que desejo quando vou fazendo as aulas quando vou *aulando* – descobrindo, redescobrimo, errando e acertando, rindo e chorando, aprendendo, desaprendendo, ensinando, “desensinando”, “reensinando”. (RIOS,2008, p. 13)

Mas o dia não havia finalizado e mais uma surpresa surge, a curiosidade das crianças em conhecer a cultura dos outros dois colegas floresce, o dicionário expande para a turma e as pesquisas de como falar, escrever foi crescendo. (GARCIA, NE¹⁵, 07/10/2019)

¹⁴ NE – Narrativa de Estágio

¹⁵ NE – Narrativa de Estágio

Figura 4 - Palavras para estabelecer diálogo do intervalo

cachorro perro	☆
banheiro baño	☆
camisa camisa	☆
lápiz lápiz	☆
giz tiza	☆
teto techo	☆
parede pared	☆
mochila mochila	☆
estojo caso	☆
caderno .	.

Fonte 4 - GARCIA A. J. S. L, Acervo da Autora

Figura 5 - Palavras para estabelecer diálogo da aula

qual sua fruta preferida? Qual é a sua fruta favorita?	☆
qual sua fruta preferida? cual es tu fruta favorita	☆
abobora pumpkin	☆
abobrinha calabacin	☆
batata doce Papa dulce	☆
guardar material guardar material	☆
gurda material material gurda	☆
curda material Material kurdo	☆
curso material material de cursos	☆
cas de origem oriental, conheç...	☆

Fonte 5 - GARCIA A. J. S. L, Acervo da Autora

Figura 6 - Palavras para estabelecer diálogo ensaio de primavera

como llamar a su perros	☆
desenh dibujar	☆
tarefa de casa tarea para casa	☆
pirulito piruleta	☆
desenho dibujo	☆
celular descarregou teléfono celular descargado	☆
abuela avó	☆
casa casa	☆
carro carro	☆
gato gato	☆

Fonte 6 - GARCIA A. J. S. L, Acervo da Autora

A formiga saúva

Figura 7 - Formiga saúva



Fonte 7 - AGR. Dedetizadora, disponível em: <https://agrodedetizadora.com.br/biologia-das-sauvas>

Chega a hora de descermos à quadra para o ensaio da dança para a festa da primavera, Caio¹⁶ e Leo não iriam participar por questões pessoais, então cada um em um canto ficam andando e vendo formato de folhas, mexendo com pedrinhas que encontram pela

arquibancada, porém sem grandes comunicações, cada um em um espaço, com sua própria exploração. Passados alguns minutos, na arquibancada, Leo se senta ao meu lado e Caio a minha frente, um olhando para a cara do outro, o silêncio parecia querer dominar, opto por perguntar à Caio o que ele havia descoberto de interessante, afinal ele é muito curioso e atento a todos os animais que há ao redor, sejam grandes ou pequenos, ele me conta ter visto algumas formigas saúvas, como sua madраста é bióloga ele possui conhecimento de muitos animais, inclusive já teve uma tarântula como animal de estimação.

Como já tinha visto Leo observando algumas formigas pedi que Caio contasse o que sabe de formigas à Leo e dou a eles meu celular para conseguirem se comunicar, trocam algumas palavras e me entregam o celular pois decidiram ir atrás da formiga, ficaram o período de quase 2h (período do ensaio final de primavera das três turmas juntas), se comunicando do jeito deles, observando e seguindo a formiga por onde quer que elas fossem, solicitaram-me poucas vezes para traduzir palavras que realmente com mímica e gestos não foram capazes de expressar. Outras crianças de demais anos viram os dois se comunicando e procurando traduções e começaram a se aproximar querendo também investigar alguma palavra. O intervalo chega, e a amizade deles parece estar crescendo, para reforçar permito que usem o meu celular para ficarem conversando, neste momento seus olhos brilham não acreditando no que estava acontecendo, nem mesmo alguns funcionários acreditaram, questionando-me em como eu podia ter coragem em deixar algo caro nas mãos de crianças, lembro de meus sobrinhos de 7 e 10 anos que sabem muito mais de configurações de aparelho

¹⁶ Nome fictício

telefônico do que eu, e até o meu sobrinho de 3 anos já sabia como clicar e passar de uma tela para outra.

Os alunos, após a crítica dos funcionários me observam atentamente receosos que tomasse o celular com aquelas faltas que atingiam a responsabilidade deles, porém olho e há uma roda de alunos ansiosos, era como se estivessem em um campeonato importante, e os minutos finais se aproximam e haverá uma jogada determinante, para a vitória ou derrota. Pisco a eles e digo que apenas tomem cuidado e divirtam-se.

Viro de costas em direção à um banco para comer algo e também deixar que as crianças pudessem desfrutar melhor o momento, enquanto me dirigia para sentar, sentia a vibração daquele grupo, havia diversas culturas, línguas, idades, gêneros, séries, reunidos e instigados pela curiosidade, pulavam, gritavam, vibravam, era como se tivessem visto o gol da temporada. Mas minha solicitação não foi ignorada, junto com toda essa comemoração, havia alunos que ficavam com suas mãos abertas embaixo do celular para evitar que se o mesmo caísse fosse danificado. (GARCIA, NE¹⁷, 30/09/2019)

A confiança dada às crianças, para ela parecia algo ‘milagroso’, no entanto estávamos apenas tendo uma relação que enquanto para muitos daquela instituição seria um ato de coragem, o pensado naquele momento era um movimento de autonomia, desenvolvimento, crescimento coletivo.

Por que ter coragem de propor, arriscar e ousar no trabalho em Educação? Não precisa ser, necessariamente, para mudar a Educação do País como um todo. Isto não depende só de nós. Seria ingenuidade. Mas, pelo menos, para vivermos de uma forma mais prazerosa no trabalho e na vida, para lutarmos com mais garra pelo que acreditamos. (GERALDI, 1998,p.132)

Ao subir para a sala, chego e vejo duas rodas Leo e Angélica rodeados dos finalmente, novos amigos, e estava sendo bombardeados de perguntas, por exemplo, se ele gosta de jogar futebol, se aceitaria jogar com eles amanhã, se sente saudade do seu país, do que costumavam brincar, fico de longe apenas olhando como a curiosidade deles pareciam não caber na sala de aula, e como a rotina escolar e suas exigências avaliativas fazem a curiosidade parecer algo fútil. (GARCIA, NE¹⁸, 30/09/2019)

¹⁷ NE – Narrativa de Estágio

¹⁸ NE – Narrativa de Estágio

A vida cotidiana é um jogo de aparências, entretanto dificilmente haverá um dia igual ao outro, podem parecer, mas contém suas especificidades.

Torna-se necessário que a avaliação educacional, no contexto de uma pedagogia preocupada com a transformação, seja efetivamente um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade para uma tomada de decisão. [...] Então, a avaliação estará preocupada com o objetivo maior que se tem, que é a transformação social. (LUCKESI, 1984, p. 43)

Encerro assim, desejando não só a estagiários como eu que tiveram o privilégio de convier com estrangeiros, mas a todos nós que possamos, como citado por Geraldi, viver de uma forma mais prazerosa no trabalho e na vida, e que saibamos valorizar atitudes e momentos que façam dos alunos sujeitos ativos.

Um abraço e muito conhecimento cultural a todos(as) nós,

Ana Julia S. L. Garcia

CARTA VI

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA



Nova Odessa, 03 de dezembro de 2020

A todos da educação,

Para nunca deixarmos a inconformidade.

Durante meus anos escolares, universitários e agora como estagiária, vivenciei muitos momentos que até então por mim, eram denominados de ignorância/hipocrisia, pois não vejo necessidade de gritar com alguém para expor algo, ou ensinar sobre conceitos sociológicos, mas mesmo com tantos debates para uma melhor conciliação na aula entre aluno e professor, ainda insistir em um autoritarismo. Nas aulas de sociologia da educação, descobrimos o nome para a braveza excessiva, a falta de liberdade, imposição desnecessária de muitos aspectos na sala de aula, descobrimos a nomenclatura, violência simbólica.

Bourdieu (1982) em seu texto, *A reprodução*, trabalha a ideia de que para se reproduzir o modelo econômico é preciso o sistema de ensino para legitimar tal reprodução dos modelos culturais e econômicos. A preocupação de Bourdieu não era a reprodução econômica, mas sim a cultural. Sendo assim se estabelece dois conceitos importantes: capital cultural e violência simbólica.

O capital cultural dar-se-á em decorrência da cultura dominante um valor, e é a escola a transmissora do capital cultural. Ao fazer isso nega-se parte da cultura da população, fazendo

uma segregação, a escola traz uma ideologia dominante, a qual é imposta como universal, consequentemente temos um ato de violência, sendo esta, a violência simbólica.

A força simbólica de uma instância pedagógica define-se por seu peso na estrutura das relações de força e das relações simbólicas (exprimindo sempre essas relações de força) que se instauram entre as instâncias exercendo uma ação de violência simbólica. (BOURDIEU, 1982, p.22)

Podemos perceber uma grande presença da violência simbólica que acaba universalizando as ideologias da cultura dominante. A classe dominante, neste capital cultural tem um valor superior o qual se dá no âmbito da rua, da escola e etc. A escola nega tudo que o indivíduo tem e impõe um capital. Todavia, enfatizemos, não existe certo ou errado, e sim ambientes e espaços com diferentes formas de comunicação.

Violência essa vista infelizmente por muitas vezes nos estágios, a questão é o que fazer para combater? Conseguiremos todas as vezes?

A semana de provas havia encerrado uma semana antes da chegada de Leo, entretanto é trazido à professora a notícia de que os alunos precisariam refazer os testes, incluindo Leo em seus primeiros dias de aula no Brasil e mesmo sem ter material didático algum. A classe teria que refazer porquanto o pacote das provas havia sido levado para a casa de um outro funcionário no meio de alguns objetos, impedindo a correção, e por regra seria necessário a realização do teste novamente.

Esse dia não foi de uma experiência simples e agradável. Havíamos retornado do intervalo e a professora Carmem anuncia repentinamente junto a coordenação que a classe iria fazer uma prova, os murmúrios, espantos, gritos desesperados, “nãooooo”, “já fizemos prova semana passada!” dizia um, “como assim prova? É pegadinha?”, “Prova do que? Não estudamos nada”, diziam outros. (GARCIA, NE¹⁹, 16/09/2019)

Lembro-me da coordenadora então pisca para a professora, e diz “prova surpresa”, como eu estava em pé havia visto o sinal, mas qual era a graça disso?!, as crianças estavam desesperadas e isso era explícito.

Carmem senta-se ao meu lado no fundo da sala, e lhe questiono o porquê dessa situação, ela então me conta que alguém levou o pacote das provas do dia anterior por engano e eles (alunos) teriam que refazer minha incompreensão agora só aumentava, afinal o que

¹⁹ NE – Narrativa de Estágio

custava contar que ocorreu um problema com a prova deles feita recentemente e devido a isso teriam que refazer? quais as implicações desse simples esclarecimento? (GARCIA, NE²⁰, 16/09/2019)

Será que acreditam mesmo que as crianças são seres pensantes e possuem em si emoções? Pois em situações como essa, a criança é extremamente subordinada, não lhe sendo dado o direito de questionar, apenas o “direito” do silêncio e a obrigação da realização, pois o tempo estaria passando.

A escola deve ser um ambiente de resistência social que faça seus estudantes terem voz ativa. As avaliações que permeiam esse espaço não deveriam ser tomadas como recurso analítico onde observa-se pontuações altas e baixas determinando assim o que deverá ser mais cobrado aos alunos.

Se queremos uma nova forma de avaliação será necessário repensar a escola que queremos a partir de novas funções sociais, as quais necessariamente conflitarão com os objetivos do atual sistema social. Isso coloca para a educação outros objetivos e requer outra forma escolar com repercussões para as formas de avaliação (FREITAS, 2010, p.96).

Um silêncio que tem em si olhares preenchidos de gritos de desespero e ansiedade, não se tratando somente em roer unhas, pernas inquietas, mãos suando, mas sim a comprovação que a medicalização, mesmo que natural, tem estado na vida das pessoas cada vez mais cedo, prova disso, foi uma aluna, G. ter virado para mim antes da prova iniciar e dizer “professora não sei se vou conseguir, não tomei meu floral hoje e acho que não irei bem”. Minha capacidade de controlar minhas expressões faciais que já estavam difíceis de controlar, e tornaram-se ainda mais desafiadoras, questiono por que e desde quando ela toma floral, afinal eu só vim ouvir falar desse calmante aos 16 anos, através de uma amiga que precisou tomar para prestar os vestibulares, e ali, estava de frente comigo, uma criança de 8 anos que já tinha consigo não somente o conhecimento, mas também a prática de uso, e o mais agravante sua dependência psicológica pois declarou que sem esse, não é capaz. (GARCIA, NE²¹, 26/09/2019)

²⁰ NE – Narrativa de Estágio

²¹ NE – Narrativa de Estágio

A medicalização não só de prática adulta, todavia também a infantil tem se tornado cada vez mais comum. De acordo com Sanches e Amarante (2014, p.507) “O poder da medicina para normatizar a vida social advém da construção desse saber médico moderno, que apresenta soluções da clínica médica para problemas que têm como principal causa as condições sociais e econômicas da vida das pessoas.”

O excesso de cobrança de avaliação tem em consequência uma ocupação e foco intenso na preparação das crianças para realização de testes escolares e governamentais.

A medicalização do fracasso escolar alimenta a crença de que as dificuldades de aprendizagem estão no aluno e são consequências de uma doença. Esse fato movimenta um grande mercado de serviços por meio dos encaminhamentos a especialistas feitos pelas escolas. As crianças são submetidas a uma quantidade de exames e testes tantos quantos forem necessários à suposta ‘descoberta de seu problema’. (SANCHES; AMARANTE, 2014, p.509)

A prova inicia, e a coordenadora senta-se à frente de Leo, captando toda minha atenção, pois conquistar a confiança dele estava sendo muito difícil devido sua timidez, o qual faz com que suas poucas palavras saiam beirando o silêncio.

Me deparava de mãos atadas, afinal havia uma outra autoridade na sala de aula, que estava sentada literalmente à frente de Leo. Suas mãos suavam, seu olhar perdido percorria a sala, e tudo que obtinha eram tapas na carteira, acompanhados de “Vamos leia aqui!”, “Seus colegas vão terminar primeiro, vamos meu anjo acelera!”, minha angústia, estava incontrolável, o coração batia tão forte capaz de senti-lo em minha garganta, encontrava me absurdamente horrorizada, aquela voz, aqueles gritos, faziam um filme de terror passar em minha mente, mostrando os piores momentos de todos os anos escolares, e de momentos abusivos também vividos na universidade. (GARCIA, NE²², 26/09/2019)

Que coral é esse o qual atinge tantas instituições e variados anos escolares? A capacidade vocal desse coral ultrapassa gerações, cidades, estados, ambientes? O que faz essa voz ecoar e intimidar os alunos? Onde está a autonomia do professor de poder escolher outras ‘canções’ educacionais? Consideremos autonomia palavras de Cerqueira (2006, p.31) “A

²² NE – Narrativa de Estágio

autonomia não é o professor ensinar o que quiser, da maneira como quiser a quem quiser, mas o compromisso de garantir que cada aluno aprenda o que necessita aprender.”

Precisava me levantar da carteira, pois as pernas pareciam que iam furar o chão, começo a andar no fundo da sala, e olhando pela janela na tentativa falha de não transparecer minha indignação, mas aquela voz, aquelas frases, eram como fantasmas.

Durante a prova, Marta²³ lia para Leo de modo “alto” irritada e pausadamente, em minha racionalidade, ela estava somente perdendo sua voz, afinal o menino mal conhecia a língua portuguesa. Como gritar uma frase pausadamente iria auxiliar em algo? Ele apresentava dificuldades em pronunciar palavras simples, como iria ler, entender e resolver um exercício de matemática ou português estando em um idioma que não era o seu nativo? Não se tratava de uma dificuldade auditiva. Leo lia e ao final olhava para a cara da coordenadora como se dissesse “o que eu faço agora?” e o ordenado era “agora faça!”. (GARCIA, NE²⁴, 26/09/2019)

Há um processo de negação - de seus saberes, de seus processos de aprendizagem, e até mesmo da dinâmica de ensino instaurada – atravessando as orientações que simultaneamente estimulam o trabalho com os diferentes conhecimentos trazidos à sala de aula, através de diferentes estratégias metodológicas, e as que tornam cada vez mais uniformes os parâmetros de avaliação como resultado de maior centralização dos processos de aferição dos desempenhos estudantis. (ESTEBAN, 2009, p. 127)

O estudante é um sujeito de aprendizagem, Esteban (2009) também afirma que os resultados dos exames realizados no cotidiano escolar, e as resoluções internacionais e nacionais, bem expõem o fracasso escolar brasileiro. Expressando a incapacidade social de produzir uma escola favorável a uma parcela expressiva dos que a frequentam.

A leitura nesse ambiente e neste contexto parecia ser unicamente o recurso necessário para a compreensão de uma criança provinda de outra nação, ignorando as dificuldades de eloquência, pronúncia, tradução e etc.

A reação de Leo era voltar a esfregar as mãos em suas calças, e olhar para outro canto da sala. O tempo da prova foi passando, e os alunos foram entregando suas provas. Marta começa a corrigir, em uma das poucas pausas para dar atenção à criança (entendo que ela se encontra em uma rotina agitada, e exigente em que necessitava de que as provas fossem

²³ Nome fictício

²⁴ NE – Narrativa de Estágio

corrigidas rapidamente, contudo havia uma professora e uma estagiária que não foram incitadas a ajudar na aplicação da prova para Leo), Marta solta mais um ato a ser adicionado para a lista de aprendizado de uma estagiária do que não fazer em sala de aula, a frase pronunciada foi “ como você ainda está nessa questão, eu vou terminar de corrigir todas as provas e você ainda aí”.

Minha aliança passou a ser mais rodada que o brinquedo de chapéu mexicano de parques infantis, eu já havia consumido até a última gota de água de minha garrafa, e simultaneamente o sentimento de impotência também me consumiam, a violência simbólica, a reprodução social, a exclusão da compreensão do outro, de com quem estamos lidando, a falta de empatia era mais do que explícito. (GARCIA, NE²⁵, 26/09/2019)

Como ela podia comparar a sua realidade e experiências, com uma criança vinda de um outro sistema educacional, outro país, iniciando sua trajetória de educação escolar no Brasil a pouco tempo, desconhecadora parcial do português brasileiro. A relação de horizontalidade entre aluno e equipe gestora ficava cada vez mais distante.

É preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros. O que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontraremos o mesmo. Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência. (NÓVOA, 2015, p.15)

Precisava fazer alguma coisa, pensar em um anticorrosivo da inconformidade, e não somente deixar corroer e estragar. Decidi andar mais pela sala, me aproximando da mesa do professor, (Leo senta de frente à mesa), e a todo tempo era seguida pelos olhares da coordenadora, mas não me importei, queria mesmo que ela visse, parei quase ao lado de Leo, porém estava encostada na parede.

Como praticamente todos os alunos já haviam entregado a prova, a professora recebe a ordem de dar continuidade ao programado para aquele dia e aquele horário, a aula assim inicia. Leo era o único aluno a estar fazendo a prova, Marta, então pronuncia uma frase desagradável, todavia a necessária para que eu agisse diretamente, “ Mas será que você vai ter que terminar outro dia, vou ter que pedir para alguém te ajudar que nesse ritmo”, então olha para mim e diz “ acho que abusarei da estagiária”, nesse instante, vou ao fundo da sala, pegou uma cadeira e sem esperar mais um segundo sento-me ao lado de Leo, ele com as mãos

²⁵ NE – Narrativa de Estágio

entre as pernas, olha para mim e solta um leve sorriso, coloco minha mão em seu ombro e digo em espanhol que ficará tudo bem que iria ajudá-lo, um suspiro aliviado é solto, e mal imagina ele quão maior foi o meu.

Sentada junto à Leo começamos a tradução dos exercícios através da ajuda do google tradutor, por onde ele lia e compreendia, fazendo alguns exercícios sozinho, porém em algumas das atividades, devido a palavras de termos matemáticos, por exemplo: fração, divisão, repartir., sua compreensão era dificultada, para isso, em uma folha separada eu criava algum exercício semelhante, e fazíamos juntos, posteriormente ele realizava o exercício da prova. Às 17h07 Leo entrega sua prova, E às 17h10 o sinal bate, Marta me olha, mas não pronuncia nenhuma palavra, entretanto, o sorriso daquela criança, após tempos de desespero, compensou mais do que qualquer palavra de agradecimento.

Mesmo a questão do horário não sendo de grande importância para a minha pessoa por ter em minhas crenças reafirmado que todos temos um tempo e diferentes meios para resolver um problema, independentemente da espécie dessa questão (profissional, pessoal, emocional...) todavia, naquele contexto e ambiente, para Marta, esse ambiente disciplinador fazia esse meio de avaliação ser extremamente importante para aquela instituição e equipe.

Apesar de estar dentro de sala de aula somente nos estágios, já compreendo algumas dificuldades, e mesmo criticando muitos pontos já vistos, sei a importância de analisar ambas as perspectivas. (GARCIA, NE²⁶, 26/09/2019)

É notório que nesse percurso, nosso repertório vai indicando conforme nossas intencionalidades pedagógicas, as atitudes a tomar e a deixar de escanteio, aprendendo que a inconformidade faz parte de nossas práticas para que busquemos sempre diversas soluções que combatam a toxidade dessa violência simbólica, um desses recursos seria uma avaliação dialógica.

A avaliação, enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. (HOFFMANM, 2010, p.56)

Aceitar, acomodar, determinar limites à ação e ao tempo, deixar a capacidade vocal quase na intensidade máxima e transformar a carteira escolar em uma bateria instrumental, essas ações nunca conseguiram ser eficazes a ponto de conseguir um singelo sorriso de

²⁶ NE – Narrativa de Estágio

agradecimento, e o retorno de um brilho no olhar tão imenso e profundo, profundidade esta que faz-nos ter a certeza que a alma daquela criança ainda vive, que não está moldada à simplesmente aceitar, tendo um muro de imposições cercando-a, provando a ela e a nós, educadores que pode ser diferente.

Diferenças essas que não são possíveis rapidamente, na sociedade, essas mudanças são gradativamente e iniciam-se com pequenos gestos. Para Freire (1977) “em história, se faz o que se pode, não o que se gostaria de fazer. E é só fazendo hoje o possível de hoje, que poderemos fazer amanhã o impossível de hoje”. (apud GERALDI, 1998, p. 132)

Devemos ser profissionais intelectuais críticos, inconformados, por quanto sem a inconformidade que nos agita, e inquieta não há reflexão, desespero, necessidade gritante de buscar a mudança. Sem a inconformidade e a curiosidade pela transformação de nós e do próximo não há prosperidade, não há educação.

Enfim, concluímos que o papel do professor se define como organizador, passador de conhecimento, à medida que ele reconheça que em sua sala de aula há distintos estilos de aprendizagem, inclusive o seu, e isso possa leva-lo a buscar construir novos saberes que o desafie a aprimorar sua prática pedagógica. Ao professor cabe a tarefa de articular, problematizar, desafiar, facilitar e mediar o saber com o conhecimento, então, é essencial que para existir os vínculos cognitivos, afetivos e sociais de uma relação estabelecida com o outro que aprende seja a partir de uma escuta sensível. Escuta sensível – uma possibilidade para novos vínculos. (CERQUEIRA, 2006, p.36)

Atenciosamente,

Ana Julia S.L. Garcia

CARTA VII

MESMAS EXPERIÊNCIAS, DIFERENTES ALUNOS



Nova Odessa, 04 de dezembro de 2020

Queridos colegas da faculdade,

Uma das nossas tarefas como estagiárias é planejarmos uma atividade para realizar com as crianças, nosso projeto naquele segundo semestre de 2019, chamava-se, experiências e correspondências descritos no [ANEXO B](#), eu e mais duas colegas estagiárias continuamos o estágio na escola Sérgio Porto como estávamos cada um em um ano diferente, decidimos realizar experiências químicas com as crianças, cada sala com uma, e depois elas escreveriam duas cartas, uma para a bruxa contando suas expectativas e gostos e as hipóteses explicando o motivo dos ocorridos no desafio, e outra carta destinando à uma classe com outra estagiária relatando somente como realizar o experimento, acontecendo assim um ciclo de correspondências.

As experiências em todas turmas desse projeto, era demonstrado pelas crianças um momento muito almejado, o qual eles nos esperavam sempre ansiosos repletos de perguntas, sendo a principal dela “o projeto vai ser fora da sala?”, acreditamos que as vivências extras à sala de aula eram o momento de escape das crianças. Não era uma saída para beber água, ir ao banheiro, coordenação, direção, intervalo, ou aula de educação física, era uma saída da sala para realizar experiências, estava incluso na categoria aula. Um momento em que eles não só assistiram, mas participariam, em que podiam sentar ou até mesmo deitar no chão, não

importava a posição, isso não atrapalharia seu aprendizado, pois o interesse por aquelas vivências era nitidamente perceptível em suas empolgações. Para Cerqueira (2006, p.31) “Na medida em que o professor estimula e ajuda o aluno a ter acesso a cultura, refletir, imaginar, criar, atribuir valor, desenvolver a consciência, ele trabalha com a produção de sentido num contexto histórico coletivo.”

Ao finalizarmos esse projeto, foi lançada a proposta de um “Café com professores” para o dia 04 de novembro de 2019, contando com a visita de professores e alunos de uma outra escola do município de Campinas para nossa turma de estágio da universidade. Nessa proposta deveríamos criar ateliês, nos quais eram compostos pelos nossos projetos de atuação de nós, graduandos, mencionado no [ANEXO B](#), porém com algumas modificações.

A escola visitante, possui algumas características comuns à escola na qual atuamos, por tratar-se também de uma instituição pública, localizada no município de Campinas-SP. Contudo, essas são as únicas semelhanças, pois a metodologia, didática, trabalho pedagógico da equipe educacional, trabalho para com a comunidade eram totalmente diferentes, com inúmeros projetos e iniciativas que visam a transformação.

Uma das condições necessárias para que nos tornemos um intelectual que não teme a mudança é a percepção e a aceitação de que não há vida na imobilidade. De que não há progresso na estagnação. De que, se sou, na verdade, social e politicamente responsável, não posso me acomodar às estruturas injustas da sociedade. (FREIRE, 1993, p. 43)

Para Freire (1993) A Pedagogia é relacionada com o processo de aprendizagem, estudando diversos modos de educar, analisando os problemas e a melhoria que pode ser feita a partir da didática, pois cada aluno aprende a partir de uma didática diferente.

Toma-se a didática como um ramo da pedagogia, em que se tem uma técnica para facilitar a aprendizagem. Contudo, tanto a pedagogia quanto a didática são ramos de transição de teorias e práticas das produções educacionais conforme o meio. Se compreende a ciência como aquilo que leva em conta seu passado fazendo uma construção constante de conhecimento, construída por todos. Apesar de que a pedagogia é multirreferencial, pois só com muitas referências são capazes de tentar definir a complexidade de um termo da educação.

É chegado a hora de abrir nossos ateliês, inicialmente, sabíamos que eram crianças de cotidiano ativo na escola, com estímulos a serem críticas e reflexivas, sempre com uma atividade diversa a realizar no dia a dia. Em decorrência disso acreditei que não participariam tanto, pois não seria tão “mágico” quanto foi para as turmas planejadas, por já serem conhecedoras daquele exercício, contudo, mesmo as crianças tendo um tipo de blog da escola

onde postavam diversos assuntos, e algumas terem conta em youtube com um canal para experimentos semelhantes ao nosso, a empolgação e curiosidade quase se igualava a turma da primeira instituição, independentemente de que não fosse a primeira vez das crianças, havia uma pergunta por parte delas, persistia “e se eu fizer desse jeito será que vai ser igual?”, pergunta essa que dava abertura para novas tentativas, com direito até mesmo à gravação e diálogo com o outro lado da câmera como se fosse algo novo.

Cabemos aqui a pensar, que os professores dessa escola, são professores-pesquisadores, pois realmente mostram e provam que a educação pode ser melhor e pode ser transformada! Segundo Luckesi (1984, p. 46) “Um educador que se preocupe com que sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconscientemente e irrefletidamente.”

A avaliação nesta instituição pode-se perceber que é dada como prática de investigação e como instrumento de formação de um profissional reflexivo.

Nosso grupo adaptou o projeto ao ateliê, planejamos 3 experimentos, o participante primeiro leria a carta que a bruxa Etelvina²⁷ enviou, depois escolheria no mínimo uma

Figura 8 - Caixa de correios para postagem de cartas das crianças



Fonte 8 - GARCIA A. J. S. L., Acervo da autora

experiência para realizar, feito isso escreveria uma carta de resposta à bruxa, colocando selo, remetente, destinatário, e por fim depositando em nossa caixa de correio.

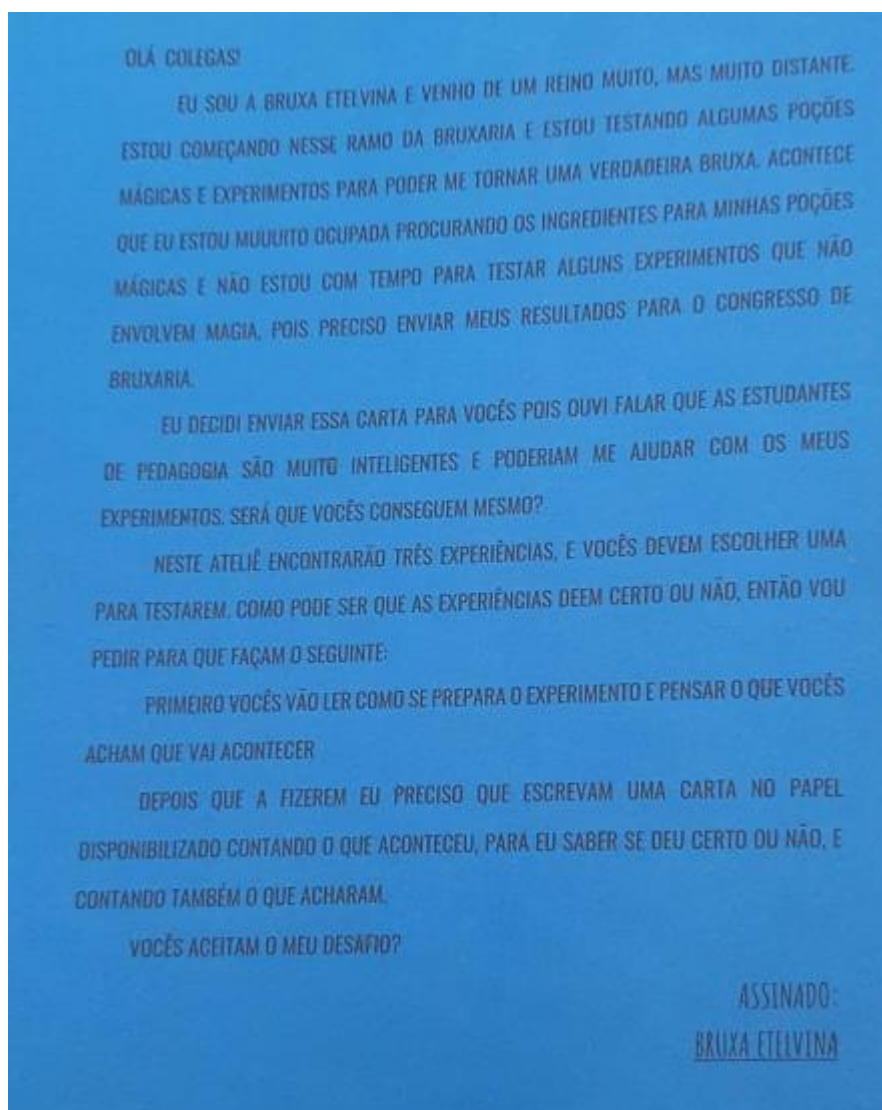
No momento em que eu estava para auxiliar com qualquer coisa, foi muito divertido, rompendo com meu achismo de acreditar que ia apenas observar, mas aconteceu o oposto, muitos participantes tinham medo de aproximar a bexiga próxima do fogo pela hipótese de estourar, queimar o papel, ou até manusear o fogo. Alguns colegas conseguiram realizar todos

os experimentos sem problemas, outras tiveram a sorte de tudo o que não devia acontecer elas poderem presenciar, como por exemplo: Aproximar a bexiga sem água próxima do fogo e a bexiga não estourar, mas sim furar; Queimar o papel ao fazer o experimento da tinta invisível; Aproximando a bexiga com água da vela, a bexiga estourar

²⁷ Personagem criada pelas estagiárias, tendo base o livro “O carteiro chegou!”, sendo esta, uma bruxa que precisaria da ajuda das crianças para ser aprovada pelo congresso de bruxaria e se tornar uma verdadeira bruxa.

jogando água por todos que estavam por perto, momentos que foram os mais divertidos, provando que algo dar errado nem sempre é tão ruim, motivo estes para o registro de vídeos e fotos de colegas próximos. (GARCIA, NE²⁸, 04/11/2019)

Figura 9 - Carta de apresentação da bruxa Etelvina



Fonte 9 - GARCIA A. J. S. L, Acervo da autora

²⁸ NE – Narrativa de Estágio

Figura 10 - Experiencia 1 bexiga e vela

Experiência 1: Bexiga e vela

Ingredientes:

- Duas bexigas
- Vela
- Água

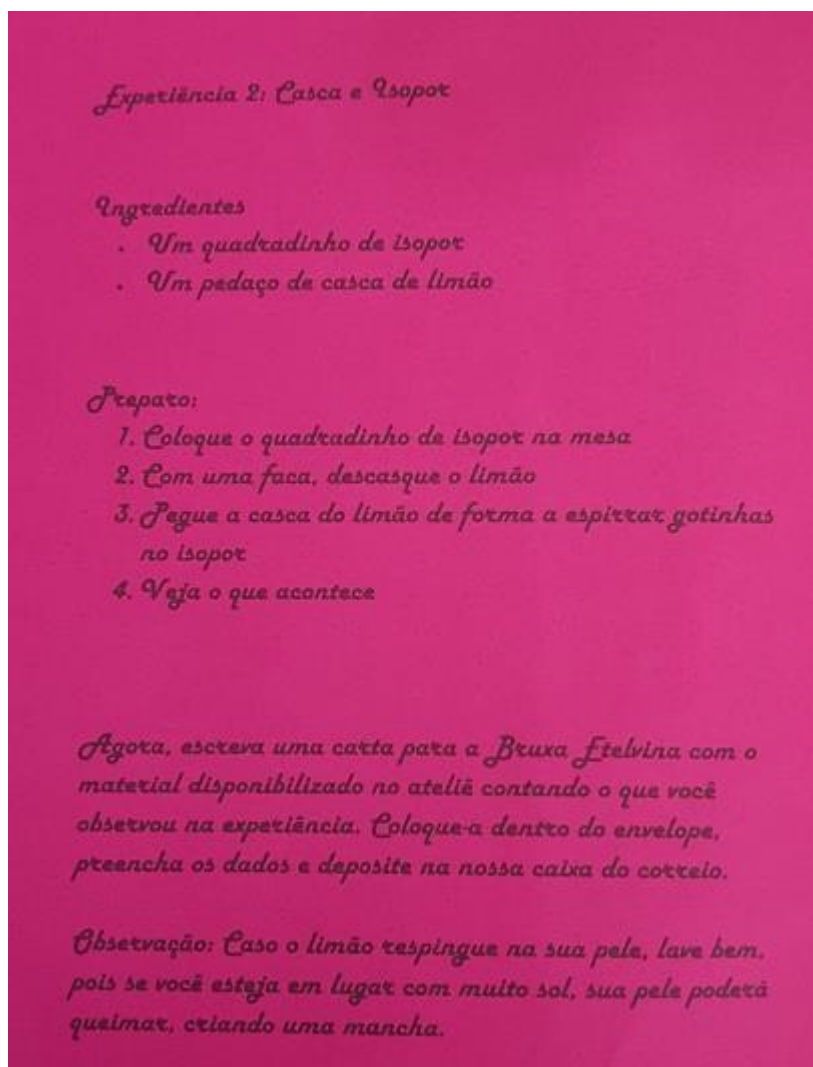
Preparo:

1. Primeiro encha apenas uma bexiga
2. Acenda a vela e aproxime a bexiga do fogo
3. Veja o que acontece
4. Agora encha a outra bexiga só que dessa vez colocando um pouco de água dentro dela
5. Aproxime da vela de forma que a parte da bexiga que está com a água se aproxime da chama e veja o que acontece

Agora, escreva uma carta para a Bruxa Etelvina com o material disponibilizado no ateliê contando o que você observou na experiência. Coloque-a dentro do envelope, preencha os dados e deposite na nossa caixa do correio.

Fonte 10 - GARCIA A. J. S. L, Acervo da autora

Figura 11 - Experiencia 2 casca e isopor



Fonte 11 - GARCIA A. J. S. L, Acervo da autora

Essas experiências meus colegas, serviu para provar que por mais semelhanças que possa haver, ou mesmo as crianças já tendo vivenciado algo antes nunca as semelhanças e vivências serão iguais. Em cada dia, cada momento há suas diferenças e divergências fazendo do cotidiano ser rico em diversidade nos mínimos detalhes. É preciso romper com nossos próprios pré- conceitos, e buscar ‘dar’ o melhor para que a sala de aula seja sempre inovadora, transformadora e reflexiva.

Atenciosamente,

Ana Julia S. L. Garcia



CARTA VIII

RECEITA PESSOA – PARA EVITAR CAIR NO ESQUECIMENTO



Nova Odessa, 10 de dezembro de 2020

Cara Ana Júlia do futuro,

Essa carta está sendo escrita com o intuito de que você não se esqueça do que te motiva nesse início de carreira, ao reler essas cartas espero que reviva, relembre, reafirme suas convicções, e continue persistente para uma educação humanizadora, da escuta sensível, de ter a experiências de uma relação horizontal e mediadora com as crianças.

Em suas atuações não se esqueça de conceitos essenciais, descritos não só nesta carta, mas em muitas outras, as quais já escreveu para ser uma educadora com um desenvolvimento em sala de aula diferente das práticas vistas e vivenciadas por você em seus anos iniciais do Ensino Fundamental. Os anos e décadas podem passar, entretanto muitas crianças continuarão receosas de ir à escola, em ter que sair da casa dos pais, avós, primos para irem à um ambiente diferente no qual expandirão seu convívio social.

A falta de receptividade, acolhimento, compreensão, olhar e escuta sensível te marcaram no ambiente escolar, fazendo você ser uma pessoa receosa em ter contato/relação com um professor além da falta de apreciação pela escola durante seus anos escolares. Esse muro de distanciamento passou a iniciar a ‘rachadura’ somente no Ensino Superior.

Lembre-se do dia 25 de novembro de 2019, seu último dia de estágio, no qual firmou sua opinião de que é realmente na educação onde você deseja estar, e aqueles alunos te ensinaram e mostraram que é na sala de aula que deve estar.

A despedida

Estamos no enfim último dia de estágio, a tristeza começa a bater, apesar de ter passado raiva, frustrações, estresses, insatisfações, tido inúmeras críticas, não entrei na pedagogia por adultos, e sim pelo prazer de estar com crianças e querer conhecer esse universo que elas vivem e criam. A saudade batendo não conseguia escolher palavras para tentar dizer tchau ao fim daquele dia, não conseguia imaginar o fim desse estágio, foram três semestres com mesma turma e professora.

Ainda restava uma última realização de atividade a ser feita com as crianças, enquanto pensava na aula de Educação Física sentada na arquibancada da quadra uma das alunas, Angel, senta bem triste ao meu lado, pergunto-lhe o que aconteceu e ela me responde que brincar com algumas meninas não é fáceis, desconfiei que poderia ser preconceito por Angélica ser de outro país, ou até mesmo o início de um racismo, já que não era a primeira vez que via Angélica ser deixada de lado e até mesmo expulsa de alguma brincadeira, suas lágrimas começam a escorrer, como estava em outra aula falo para a professora responsável que uma das alunas estava chorando por se sentir excluída, ela rapidamente levanta e chama todas as alunas para uma conversa após algum tempo tudo parecia ter voltado sob controle.

O momento menos esperado chega, era a hora da colação na qual entregaríamos uma medalha feita de isopor e forrada com eva roxa, um certificado e também um pirulito de dia das bruxas pinta língua, eu e Paula fomos revezando para chamar os alunos com nome nos respectivos certificados, a cada nome pronunciado o coração apertava um pouco mais. Fim da colação, subimos as escadas e o coração começou a acelerar, era 17h, hora de dizer não um adeus, mas um quem sabe até logo.

Entro e me direciono ao canto da sala onde estava meus materiais, e sou surpreendida por um discurso de Carmem agradecida por todo o tempo juntas, e desejando-me sucesso, afirmando total confiança na profissional que eu viria a ser, discurso esse que começaram a fazer minhas mãos tremerem, minha inquietude e adrenalina faziam minhas mãos soarem e a aliança sair e entrar no dedo com uma facilidade de um anel 10 números à cima do meu. Naquele momento me arrependi de ter feito críticas tão duras muitas das vezes, pois com o

tempo de convivência vi os sacrifícios que Carmem fazia pelas crianças e o quanto de “sapo” que engolia para viver relativamente tranquila na sua profissão. Mostrando ser realmente apaixonada pelo que faz, pois largou sua profissão estabilizada de bancária com um alto salário, simplesmente por ter se apaixonado pela educação, por acreditar poder melhorar a realidade de algumas crianças que por ela hei de passar.

Carmem diz que com certeza eu seria uma ótima professora, mas um dos alunos indaga. Será??? Causando me alguns segundos de aflição, mas com um grande sorriso ele conclui: Não será, ela já é. As crianças começam a acrescentar ao seu discurso, comentando tudo que elas lembravam das minhas atitudes em sala de aula.

- Ela conseguiu ensinar o Bruninho a ler e escrever

- Ajudou quem tinha mais dificuldade na sala

-Até nós que não precisávamos de tanta ajuda se tivéssemos dúvidas sabíamos que podia ir conversar com ela pois ela faria de tudo para ensinar a gente.

Entre tantas outras falas, escrevo a descrição dessa despedida com lágrimas nos olhos, não sei que tipo de professora serei, como irei adquirir e ampliar a pedagogia da autonomia com a qual acredito, mas tenho certeza que as crianças sempre terão algo a ensinar, e como diz os famosos textos de Paulo Freire é preciso amor e humildade para conseguirmos diálogo, e com estes últimos nós iremos longe. Eu não sei se consegui afetar profundamente a vida daqueles 15 alunos, mas com certeza eles afetaram a minha.

Começam a gritar por um discurso, minha voz ficou trêmula pensei o dia todo em como dizer tchau e eu simplesmente não sabia mais o que falar. Agradeço do fundo do coração e pedi desculpas caso alguma vez eu tenha sido grossa com algum deles, ou sem querer ter ignorado algo.

Essa turma ficará sempre em minha mente e coração pois me ensinaram um pouco de como estou indo nessa trajetória da formação, sei que é um caminho interminável, mas para os primeiros passos, parece que começamos bem.

Raul, um dos meninos mais difíceis de conquista sua confiança, sai em disparada do outro lado da sala e agarra minha cintura, os demais alunos fazem o mesmo e em questão de segundos eu senti um amor que até então era desconhecido, o amor de um aluno. Cada abraço e beijo ganhado foi inesquecível, por fim me despeço de Carmem, não consegui dizer mais nada do que um puro e singelo. Obrigada!

Vou me retirando da sala de aula, acompanhada de abraços até a trajetória da porta, seguro da maçaneta, nunca achei que fechar uma porta seria tão difícil, dou uma última olhada

e todas as crianças estão paradas em pé acenando e mandando beijos, a cada centímetro da porta um rosto sumia, porta 100% fechada, mas algo me fazia querer voltar a sala, a porta fechou, contudo o amor por essa área aumentou em 200%, anteriormente tinha me arrependido de só estar com a mesma turma em todo o percurso do estágio, mas se precisasse fazer tudo de novo desde o momento em que desisti de medicina na véspera do vestibular até o dia de hoje, não mudaria nada pois dia 25/11 com certeza foi o dia em que conclui que realmente essa é a profissão que escolhi, em meios a cenários políticos caóticos, intolerâncias das mais diversas formas, é preciso acreditar, que em meios a progressos e regressos um dia as coisas melhoram. A vida é como a música, oscilante, ora constante, agitada, irregular, intensa, ora tranquila, mas quando é dada a última nota, o silêncio é criado e percebemos a bela composição criada. Desejo que no dia em que houver a minha última nota eu consiga ter criado uma boa música aos ouvidos de muitas crianças. (GARCIA, NE²⁹, 25/11/2019)

Espero que ao ler essa carta, volte sua memória aquela experiência e que possa nas palavras daquela narrativa, estar compondo uma bela música. E por falar em narrativa, não posso terminar estas escritas sem me referir sobre a razão das escolhas por escritas de narrativas a partir dos estudos que realizei. Registrar a partir de narrativas, segundo Lima, Geraldi e Geraldi (2015), é um método de investigação decorrente da insatisfação para com as produções vistas no campo educacional. Os autores enfatizam que modo narrativo dar-se-á pelas experiências particulares dos sujeitos lidando com as idiossincrasias do mundo. Para Bruner (1998) “a narrativa é um modo de pensamento que se apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas que com ele mantêm os sujeitos.” (Apud LIMA, p. 22, 2015)

Assim foi/está sendo escrito este texto. Um modo de organizar minha experiência do vivido e trazê-la para reflexão, no diálogo com diferentes autores, o que me proporcionou construir um novo sentido a ela.

Além disso, deve-se considerar que nossas pesquisas estão no campo das ciências humanas.

O sujeito que pesquisa nas ciências humanas olha o mundo ou seu objeto de investigação de um determinado lugar, a partir das lentes teóricas que ele possui ou de suas crenças. Se todo ponto de vista é a vista de um ponto, infinitos olhares podem ser construídos acerca dos objetos eleitos e das experiências selecionadas. À polissemia dos fatos acrescentam-se as diversidades dos olhares e a polifonia das vozes que compõem o ponto de vista, essencialmente autoral. Isso confere riqueza à pesquisa nas humanidades. (LIMA, GERALDI E GERALDI, 2015, p. 29-30)

²⁹ NE – Narrativa de Estágio



E assim como os autores refletem, desta experiência extraio lições.

Uma pesquisa sobre a própria experiência é sempre uma pesquisa sobre o singular. E o conhecimento singular corresponde à verdade que não se generaliza (pravda), mas da qual se extraem conselhos ou lições. Ao se debruçar sobre a história, surgem inúmeras perguntas, porque não se narra qualquer coisa: o narrável se compõe do que nos tocou, nos modificou e continua carecendo de sentidos e continuará carecendo de sentidos mesmo concluída a pesquisa, porque a ele podemos retornar como já outro. (LIMA, GERALDI E GERALDI, 2015, p. 33)

A primeira lição, que para mim faz muito sentido a partir da experiência vivida é a indicação que faça em algumas ocasiões, o oposto do que viu naqueles anos escolares. E para uma auto ajuda e auto indicação segue uma lista com sugestões para que em suas atuações pedagógicas, possa fazer diferente do que não adorava nem simpatizava no âmbito do ensino em seu tempo como aluna. São lições que extraio do vivido:

1. Não imponha, dialogue!
2. Não deixe as crianças o tempo todo sentados na carteira olhando para você e para a lousa, lembre, fizemos faculdade de pedagogia, e o pedagogo ensina e aprende, não é um curso para ser um chefe.
3. Não deixe de ouvir as crianças, elas também possuem dias ruins.
4. Não desconfie das falas delas, mesmo que pareça mentira, tudo pode ser trabalhado.
5. Na infância, sua melhor amiga por questões raciais era excluída, aquela que tornou sua amiga, pois no primeiro dia de aula chorava desesperadamente com você, não deixe outros melhores amigos como ela serem excluídos.
6. Não grite.
7. Nunca pegue no braço de uma criança para dar-lhe uma bronca, foi isso que nos fez detestar a escola por muitos anos.
8. Não dê números às crianças, são seres humanos, não planilhas de uma empresa indicando seus avanços e retrocessos, faça seu trabalho da maneira mais respeitosa e humana possível.
9. Não continue a reprodução, faça o mínimo por dia para viver bem e ter pequenas transformações, que com o tempo poderão ser grandes.

O professor deve ser um intelectual crítico, faça sempre seus registros. Referências dessa importância não faltam, segue algumas para que você se reafirme:



A narração das histórias de vida vem como movimento propriamente humano de contar histórias e ressignificar experiências do passado que vão se desdobrando em projetos de futuro, no caso da formação docente, ao narrar o passado, vemos surgir uma versão sobre os encontros com a profissão e com as imagens da docência entranhadas no imaginário coletivo e individual. (BRAGANÇA, p. 97, 2009)

Imprevistos ocorrerão e muitos, mas eles vêm para agregar suas experiências e vivências, na concepção de Perrenoud:

Para Perrenoud (2001, p. 33, 35) muitas vezes, o profissional decide e age para, posteriormente, ter mais tempo para reflexão. Fora do “fogo” da ação é possível refletir sobre o passado, tendo, nesse momento, uma dimensão retrospectiva e prospectiva. A reflexão liga-se, assim, ao passado e ao futuro: analisa o passado e projeta o futuro.” (apud BRAGANÇA, p. 94, 2009)

Seja resistente, resiliente, persistente! Para a resistência é necessária uma contradição, pois somente assim é possível identificar as questões contrárias a reprodução, como por exemplo, as manifestações feministas contra o presidente ³⁰ não mudam a reprodução, mas fazem germinar as sementes do conflito. Segundo Apple (1989, p.27) “ O sistema educacional- exatamente por causa de sua localização no interior de uma trama mais ampla de relações sociais – pode constituir um importante terreno no qual ações significativas podem ser desenvolvidas.”

O registro, a escrita de narrativas, para Madalena Freire:

O registro da reflexão sobre a prática constitui-se como instrumento indispensável à construção desse sujeito criador, desejante e autor de seu próprio sonho. O registro permite romper a anestesia de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga pensar. (FREIRE, 2009, p.1)

Segundo Castro (2012), registro, é leitura e decifração. São metáforas criadas para dar uma ordem provisória à falta de sentido dos movimentos históricos e sociais, dos quais a escola, seus alunos e professores são parte.

Não se acomode em realizar o trabalho coletivo, pois o mesmo é transformador e perceberá isso com suas escritas, também saberá identificar o que tem sido bom ou não em suas

³⁰ Em decorrência do assassinato de uma vereadora, Marielle Franco, e do abafamento das investigações, no dia 8 de março de 2018 foi realizado inúmeras manifestações à favor da igualdade e contra a violência.

práticas, e ao fim perceberá o constante exercício de aprender a aprender. As crianças são seres ativos, não transmita conhecimento aos seus alunos, aprenda com eles. O registro da reflexão e da socialização, funda a consciência, tornando-se instrumento para a construção de conhecimento!

Sucesso, e lute pela autonomia de poder viver o aprendizado constante,

Ana Julia S.L. Garcia

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W.. Reprodução, contestação e currículo. In: APPLE, Michael W.. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. Cap. 1. p. 19-54.
- ANTUNES, D.C; ZUIN A.A.S. “Do bullying ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação”, *Psicologia & Sociedade*; 20 (1) 33-42, 2008.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **O/a professor/a e os espelhos da pesquisa educacional**. Rbep, Brasília, v. 90, n. 224, p. 87-101, 2009. Jan./abril. Disponível em: <<http://rbepold.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/500/484>>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 19, p. 20-28, 2002.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J-C. Fundamentos de uma teoria da violência simbólica. In. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 15-25.
- CASTRO, Edmilson. **A produção do registro do educador: decifrando sinais**. Avaré, Grupo de Referência. Disponível em: < <http://grderava.blogspot.com/2012/08/a-producao-do-registro-do-educador.html>>. Acesso em: 06 mar. 2018.
- CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível**. *Psic: Revista de Psicologia da Vetor Editora*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 29-38, 2006. Jan./jun.
- CUNHA, Renata Barrichelo; PRADO, Guilherme do Val Toledo. **A produção de conhecimento e saberes do/a professor/a- pesquisador/a**. *Educar*, Curitiba: UFPR, n. 30, p. 251-264, 2007.
- ENTREVISTA P3. **Entrevista com professora**. 22 jul. 2013
- ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliação e fracasso escolar: questões para debate sobre a democratização da escola. **Revista Lusófona de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 123-134, 23 jun. 2009.
- ESTEBAN, Maria Teresa. A avaliação no processo ensino/aprendizagem: os desafios postos pelas múltiplas faces do cotidiano. **Revista Brasileira de Educação**, Caxambu, v. 19, n. 1, p. 129-172, 2002. Jan/fev/mar/abr.
- FREIRE, Madalena. **O papel do registro na formação do educador**. Plenário Virtual. 2009. Disponível em: < <http://plenariovirtual.blogspot.com/2009/01/o-papel-do-registro-na-formao-do.html>>. Acesso em: 06 mar. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo, Cortez, 1993, p. 40-43.

FREITAS, L.C. **Avaliação: para além da “forma escola”**. In: EDUCAÇÃO: Teoria e Prática – v. 20, n.35, jul.-dez.2010, p. 89-99.

FREITAS, Luis Carlos de. **Organização do trabalho Pedagógico**. In: VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO, **Revista de Estudos**. Novo Hamburgo: Feevale.Aspeur, v.14,nº1, 1991.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir, nascimento da prisão**. 31º ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARCIA, A. J. S. L., **Portfolio de Estágio nos anos iniciais**. Unicamp, 2018

GARCIA, A. J. S. L., **Portfolio de Estágio nos anos iniciais**. Unicamp, 2019

GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. A domesticação dos agentes educativos: Há alguma luz no fim do túnel. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 37-50, nov. 2012. Jan./jun..

GERALDI, Corinta Maria Grisolia. **O cotidiano da escola: para além das aparências**. Revista de Educação Puc-Campinas, Campinas, v. 3, n. 5, p. 129-137, nov. 1998. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/432/412>. Acesso em: 10 nov. 2020.

HOFFMAN, Jussara M.L. **Avaliação Mediadora: Uma Relação Dialógica na Construção do Conhecimento**. Caderno Ideias – FDE, 2018.

Imigrantes Negros que chegam ao Brasil deparam-se com ‘racismo a brasileira’, diz sociólogo. **Portal Geledés**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/imigrantes-negros-que-chegam-ao-brasil-deparam-se-com-racismo-a-brasileira-diz-sociologo/?gclid=CjwKCAiA25v_BRBNEiwAZb4-ZX_ARYKLhm3v4kyIc80sETRp7OhqaD5aFJWoVJjeFfk84UG-PiQYURoC_rAQAvD_BwE>. Acesso em: 26 dez. 2020

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. **O TRABALHO COM NARRATIVAS NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO**. Educação em Revista, |Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, jan. 2015. Jan./Mar. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v31n1/0102-4698-edur-31-01-00017.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

LUCKESI, Carlos Cipriano. Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo. In: LUCKESI, Carlos Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Cortez, 1984. Cap. 2. p. 27-47.

MIRANDA, Giuliana. Brasil é um dos piores lugares do mundo para estrangeiros viver, diz relatório. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível



em:<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/09/brasil-e-um-dos-piores-lugares-do-mundo-para-estrangeiro-viver-diz-relatorio.shtml>>. Acesso em: 26 dez. 2020

NÓVOA, A. **Carta a um jovem investigador em Educação**. In: CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO XII CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, 12., 2014, Lisboa. **Investigar em Educação**. Portugal: II^a Série, 2015. p. 13-22.

RIOS, Teseirinha Azerêdo. **A dimensão ética da aula ou o que fazemos com eles**. Univesp, São Paulo, p.1-15,2008. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/26/3/D04_Dimensao_%C3%89tica%20da%20Aula.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2018.

SANCHES, Valéria Nogueira Leal; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Estudo sobre o processo de medicalização de crianças no campo da saúde mental. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 506-514, set. 2014. Jul-Set.

SCARPATO, Marta. A livre expressão na Pedagogia Freinet. **Revista IberoAmericana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p.620-628, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.1.2017.9667>> . E-ISSN: 1982-5587. Acesso em: 17 abri. 2018.

VARANI,A. BALSAMO,L. **Eu só penso em descritor: sentido produzido para avaliação externa no cotidiano escolar**. IN: Revista Teias v. 16 • n. 43 • 117-134 • (out./dez. - 2015).

ANEXOS

ANEXO A - Imigrantes negros que chegam ao Brasil deparam-se com ‘racismo à brasileira’, diz sociólogo.

17/10/2015 em Casos de Racismo, Discriminação e Preconceitos



Para Alex André Vargem, africanos e haitianos são tratados de forma diferente em relação aos imigrantes de outras nacionalidades que chegam ao Brasil; mito de país acolhedor impede autocrítica, avalia Por Paulo Hebmüller Do Opera Mundi

A ideia de que o brasileiro é acolhedor e recebe bem todos os imigrantes não corresponde à realidade no caso de haitianos e africanos, vítimas de racismo em território brasileiro. É o que afirma o sociólogo Alex André Vargem, 35 anos, membro do IDDAB (Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil). Para Vargem, em seus países de origem esses imigrantes enfrentam questões étnicas diferentes das surgidas pelo “racismo à brasileira”, e é aqui que conhecem experiências concretas de discriminação. “Acredito que ainda haja resistência de fazer uma autocrítica, e por isso a sociedade se apegue àquela imagem de que acolhemos bem todos”, diz.

O sociólogo enumera alguns dos casos de violência que vem coletando ao longo de seus onze anos de atuação na área:

- Em 2007, três apartamentos onde viviam estudantes africanos no campus da UnB (Universidade de Brasília) tiveram as portas queimadas – pichações racistas, aliás, têm aparecido nas dependências de várias universidades no país;
- Em 2011, Toni Bernardo da Silva, 27 anos, estudante da Guiné-Bissau em intercâmbio na UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), foi espancado até a morte por um empresário e dois policiais militares numa pizzaria de Campo Grande;
- Em março de 2012, 575 africanos e haitianos foram detidos e levados em ônibus para delegacias numa megaoperação policial no Centro de São Paulo;
- Em maio de 2012, a estudante angolana Zulmira de Souza Borges Cardoso, 26 anos, foi assassinada a tiros após discussão entre brasileiros e um grupo de angolanos que confraternizava num bar do bairro do Brás, em São Paulo;
- Em agosto de 2015, seis haitianos foram baleados em dois ataques diferentes na Baixada do Glicério, no centro de São Paulo. De acordo com testemunhas, a pessoa que atirou antes gritou: “haitianos, vocês roubam nossos empregos!”.

“Quem está nesse meio sabe que não ações isoladas: são violências que se repetem a todo instante”, diz Vargem e conclui: é uma “violência que talvez a pessoa não manifeste contra corpos de negros brasileiros, mas manifestar contra corpos de africanos e haitianos”.



Graduado pela PUC de São Paulo e com formação em Direito Internacional dos Refugiados pelo *International Institute of Humanitarian Law* (Itália), Vargem reconhece que acaba sendo “o chato” nos debates sobre imigração por levantar esses e outros casos e dizer que, mesmo com a criação de novas leis e instâncias nos órgãos públicos,

ainda é preciso esperar para ver se essas medidas trarão resultados.

O ceticismo se baseia também na falta de dados concretos sobre o número de imigrantes que vivem no Brasil. Um exemplo: é possível saber que há cerca de seis mil estudantes africanos em programas de graduação e pós-graduação nas universidades públicas brasileiras por conta de convênios bilaterais. Porém, não se sabe quantos estão nas universidades privadas. Sem conhecer os números, não há como formular políticas públicas eficientes, considera.

Alex Vargem concedeu a entrevista a seguir num café no Shopping Light, no Centro de São Paulo. Durante a conversa, era possível observar a passagem de muitos imigrantes – entre eles haitianos e africanos – tratando de questões burocráticas nos postos da Polícia Federal e da Receita Federal abrigados no prédio, onde também existem casas de câmbio e agências de remessa de dinheiro para o exterior. Na entrevista, lamenta a existência de situações como o chamado Conector do Aeroporto Internacional de Guarulhos (“um limbo jurídico”, define) **e a falta de contato entre as organizações da imigração africana recente e o movimento negro brasileiro.**

Revista Samuel: Você diz que os casos de xenofobia e agressões aos africanos e haitianos, como a que aconteceu em São Paulo em agosto, não são isolados, ao contrário do que defendem algumas vozes. São situações que se repetem?

Alex André Vargem: Historicamente sempre se partiu do pressuposto de que o brasileiro é acolhedor e trata bem os que chegam de fora. No entanto, nos meus onze anos de atuação com pesquisa e denúncia de violações de direitos humanos, noto uma particularidade da migração negra, de africanos e haitianos, que tem a ver com o racismo no Brasil. A questão racial incomoda uma parcela da sociedade e também os que estão no poder público. As violências são diretas ou indiretas: temos desde as pichações racistas nas universidades, até fogo no alojamento de estudantes africanos na UnB, passando pela prisão de quase 600 africanos e haitianos a três quadras da prefeitura de São Paulo, numa tarde de dia de semana.

Há ainda casos de morte, como os de Zulmira e Toni, e de agressão como o ataque recente aos haitianos também em São Paulo. No final do ano passado, durante a Marcha do Migrante, que sai da Praça da República e vai até a Sé, um senhor começou a gritar: “voltem para suas casas, o que vocês estão fazendo aqui?” Quem está nesse meio sabe que não ações isoladas: são violências que se repetem a todo instante. Aquela violência que talvez a pessoa não manifeste contra corpos de negros brasileiros vai manifestar contra corpos de africanos e haitianos.

RS: Você acha que a sociedade não toma conhecimento desses fatos ou prefere não tomar conhecimento?

AV: Existem os dois lados. Há alguns dias eu estava em um debate e no final uma senhora me abordou e disse: ‘meu filho, você só fala de coisas negativas!’. Bem, eu gostaria de falar de outras questões, mas justamente porque boa parte da população não toma conhecimento desses fatos eles têm que ser divulgados. Muitos desses imigrantes nunca sofreram racismo nos países de origem e estão começando a lidar com isso pela primeira vez na vida aqui. Uma amiga da

Guiné-Bissau me contou que foi barrada num banco onde tinha conta porque, segundo o segurança, “não tinha cara de brasileira”. É um choque, porque as questões étnicas nos países de origem são diferentes, e aqui eles conhecem o racismo à brasileira. Acredito que ainda haja resistência a fazer uma autocrítica, e por isso a sociedade se apegue àquela imagem de que acolhemos bem todos.



Graduado pela PUC de São Paulo e com formação em Direito Internacional dos Refugiados pelo *International Institute of Humanitarian Law* (Itália), Vargem reconhece que acaba sendo “o chato” nos debates sobre imigração por levantar esses e outros casos e dizer que, mesmo com a criação

de novas leis e instâncias nos órgãos públicos, ainda é preciso esperar para ver se essas medidas trarão resultados.

O ceticismo se baseia também na falta de dados concretos sobre o número de imigrantes que vivem no Brasil. Um exemplo: é possível saber que há cerca de seis mil estudantes africanos em programas de graduação e pós-graduação nas universidades públicas brasileiras por conta de convênios bilaterais. Porém, não se sabe quantos estão nas universidades privadas. Sem conhecer os números, não há como formular políticas públicas eficientes, considera.

Alex Vargem concedeu a entrevista a seguir num café no Shopping Light, no Centro de São Paulo. Durante a conversa, era possível observar a passagem de muitos imigrantes – entre eles haitianos e africanos – tratando de questões burocráticas nos postos da Polícia Federal e da Receita Federal abrigados no prédio, onde também existem casas de câmbio e agências de remessa de dinheiro para o exterior. Na entrevista, lamenta a existência de situações como o chamado Conector do Aeroporto Internacional de Guarulhos (“um limbo jurídico”, define) **e a falta de contato entre as organizações da imigração africana recente e o movimento negro brasileiro.**

Revista Samuel: Você diz que os casos de xenofobia e agressões aos africanos e haitianos, como a que aconteceu em São Paulo em agosto, não são isolados, ao contrário do que defendem algumas vozes. São situações que se repetem?

Alex André Vargem: Historicamente sempre se partiu do pressuposto de que o brasileiro é acolhedor e trata bem os que chegam de fora. No entanto, nos meus onze anos de atuação com pesquisa e denúncia de violações de direitos humanos, noto uma particularidade

da migração negra, de africanos e haitianos, que tem a ver com o racismo no Brasil. A questão racial incomoda uma parcela da sociedade e também os que estão no poder público. As violências são diretas ou indiretas: temos desde as pichações racistas nas universidades, até fogo no alojamento de estudantes africanos na UnB, passando pela prisão de quase 600 africanos e haitianos a três quadras da prefeitura de São Paulo, numa tarde de dia de semana.

Há ainda casos de morte, como os de Zulmira e Toni, e de agressão como o ataque recente aos haitianos também em São Paulo. No final do ano passado, durante a Marcha do Migrante, que sai da Praça da República e vai até a Sé, um senhor começou a gritar: “voltem para suas casas, o que vocês estão fazendo aqui?” Quem está nesse meio sabe que não ações isoladas: são violências que se repetem a todo instante. Aquela violência que talvez a pessoa não manifeste contra corpos de negros brasileiros vai manifestar contra corpos de africanos e haitianos.

RS: Você acha que a sociedade não toma conhecimento desses fatos ou prefere não tomar conhecimento?

AV: Existem os dois lados. Há alguns dias eu estava em um debate e no final uma senhora me abordou e disse: ‘meu filho, você só fala de coisas negativas!’. Bem, eu gostaria de falar de outras questões, mas justamente porque boa parte da população não toma conhecimento desses fatos eles têm que ser divulgados. Muitos desses imigrantes nunca sofreram racismo nos países de origem e estão começando a lidar com isso pela primeira vez na vida aqui. Uma amiga da Guiné-Bissau me contou que foi barrada num banco onde tinha conta porque, segundo o segurança, “não tinha cara de brasileira”. É um choque, porque as questões étnicas nos países de origem são diferentes, e aqui eles conhecem o racismo à brasileira. Acredito que ainda haja resistência a fazer uma autocrítica, e por isso a sociedade se apegue àquela imagem de que acolhemos bem todos.



RS: Em 2011, o secretário nacional de Justiça, Paulo Abrão, contestou críticas que você havia feito sobre a política de refúgio no Brasil. Ele afirmou, numa reportagem do Estadão, que o Brasil tem números de expulsão e repatriação infinitamente menores do que os dos países europeus, e que 99% das expulsões estão

relacionadas a tráfico. Essas alegações são procedentes?

AV: Na minha avaliação, ele misturou um pouco a questão do refúgio com a dos migrantes. Temos relatos de que, nas fronteiras e aeroportos, é o próprio agente público no local que determina quem recebe refúgio ou não. A função dele não é essa, e sim a de encaminhar o caso para Brasília, onde a questão será avaliada. Assim, certas autoridades violam os tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário. Quem não consegue o estatuto de refugiado acaba buscando outra forma de se regularizar. Ou seja, há uma migração irregular produzida pelo próprio Estado.

A anistia de 2009 (aos estrangeiros em situação irregular no país, de acordo com a Lei 11.961) foi muito bonita no discurso, e muitos amigos achavam que o Brasil estava dando um exemplo para o mundo. Eu dizia: vamos sair do texto e ver o que acontece no terreno. Foram só seis meses para encaminhar o pedido, de julho a dezembro; houve pouca divulgação na imprensa; as taxas eram caras – além da Polícia Federal, os consulados dos países também cobravam. Foram 40 mil anistiados na primeira instância, enquanto temos uma estimativa de 150 mil a 600 mil estrangeiros indocumentados no Brasil. De africanos, foram menos de três mil, o que é muito pouco perto de um número que desconhecemos, mas acreditamos que seja bem maior do que aquele que o poder público estima.



A segunda fase era comprovar que estavam trabalhando. Pedimos os dados para o governo e até hoje não sabemos exatamente quantos foram os anistiados no total. Para mim, a anistia não funcionou. Quando se fala de política migratória brasileira, entre o discurso e a prática há um abismo.

RS: E a alegação a respeito de traficantes se justifica?

AV: Creio que há um preconceito institucionalizado dos agentes e do poder público. Há presos de dezenas de nacionalidades por envolvimento com o tráfico na penitenciária de Itai (interior de São Paulo): espanhóis, franceses, alemães... Mas, no imaginário sociológico brasileiro, geralmente a categoria “africano” resvala para “nigeriano” e, automaticamente, “traficante”. É isso o que justifica o episódio das prisões de março de 2012 no centro de São Paulo: aos olhos do poder público, está institucionalizado que africano é traficante.

O tratamento é diferente em relação a outras nacionalidades. Mas, claro, há todo um conjunto de situações, e aqueles que estão em situação indocumentada, sem possibilidade de conseguir um emprego formal, podem cair nas redes de crime e ser cooptados.

RS: Você também menciona o chamado Conector do Aeroporto Internacional de Guarulhos (SP) como uma área em que ocorrem muitas violações. Por quê?

AV: Juridicamente, aquilo nem existe. Na Europa há mecanismos legais para regulamentar as prisões ou quarentenas para migrantes. Mas aqui, quando se passa pela Imigração, pode-se alegar falta de documentos e as pessoas ficam ali esperando alguma forma de regularização – ou a deportação. Há casos de pessoas que estavam com toda a documentação regular e foram detidas. Outras chegam a ficar semanas ou meses ali. É um limbo jurídico, no qual uma das poucas autoridades que entram é a Defensoria Pública.



No ano passado, cerca de 300 pessoas ficaram no Conector. E não é só ali. Houve um caso no Porto de Paranaguá (PR), em 2011, com nove nigerianos que vieram num navio. Muitos embarcam e viajam clandestinamente nos porões achando que o destino é a Europa, e só na chegada descobrem que vieram parar no Brasil. Um delegado falou numa entrevista

que não permitiu a entrada dos nigerianos porque eles poderiam ser “terroristas, ameaças à segurança pública, à segurança nacional e à saúde pública”! O que ele deve fazer é acolher, formalizar a ocorrência e aguardar que Brasília responda sobre o pedido de refúgio. Não cabe a ele decidir quem entra ou não. Os nigerianos só conseguiram ficar no país porque houve repercussão na mídia. Se isso acontece em grandes portos e aeroportos, é de se imaginar o que se passa em regiões mais distantes. Certamente há muitos outros casos que sequer conhecemos. Muitos haitianos, por exemplo, mesmo com visto humanitário, foram barrados no Brasil. Ou seja, eles não tiveram nem o direito de pedir refúgio.

RS: De outra parte, há uma migração de europeus fugindo da crise econômica em seus países. Nesse caso, sua entrada aqui não é questionada, não é?

AV: Pois é – e chegam também muito mais latino-americanos, mas a grande preocupação é com a migração negra. Esses meninos africanos e haitianos são majoritariamente jovens, na casa dos 20 ou 30 anos, e muitos têm formação superior em seu país de origem. Na comunidade congoleza, por exemplo, um dos meninos cursou administração, fala inglês, francês e línguas locais, mas o que ele conseguiu por aqui foi ‘bico’ de descarregar caminhão de madrugada, e ainda ganhando menos que os brasileiros.



No fundo, estamos falando de um número de pessoas tão irrisório... São pouco mais de 1 milhão de migrantes regulares, num país de 200 milhões de pessoas. Nos Estados Unidos, talvez sejam 10% da população.

RS: O que precisaria mudar para que a ação desses agentes na ponta do sistema fosse diferente?

AV: O que está se discutindo com a nova Lei de Imigração [em debate no Congresso Nacional] é a possibilidade de se criar a

chamada Autoridade Nacional Migratória, mas a sua composição ainda me parece vaga. Mesmo que este seja um corpo civil, dificilmente a Polícia Federal vai abrir mão do seu monopólio nas fronteiras. Essa dicotomia está sempre presente no Brasil: podemos ter ótimas leis, como a de Refúgio, mas de que adianta se ela não é seguida? Menos de 1% dos solicitantes consegue mudança de uma decisão contrária na primeira instância. Uma coisa é ser um refugiado como o Cesare Battisti, outra é a esmagadora maioria anônima que vem em porão de navio. De qualquer maneira, todos os efeitos de novas leis, regulamentos ou criação de órgãos precisam ser avaliados no médio e longo prazo.

Em São Paulo, temos uma Coordenação de Políticas para Migrantes na prefeitura, mas ainda ocorrem ações questionáveis nas ruas. Há vários artesãos senegaleses na Praça da República que reclamam que a fiscalização e as abordagens sobre eles são maiores do que com outros, sejam brasileiros ou de outras nacionalidades. Mesmo com essas novas instâncias, na prática as coisas ainda não mudaram muito.

RS: Situar o número de estrangeiros indocumentados entre 150 mil e 600 mil é um leque enorme. Quando não há dados confiáveis, como criar políticas públicas eficazes?

AV: São várias instâncias que batem cabeça. Os vistos de trabalho, por exemplo, geralmente são concedidos pelo CNIG (Conselho Nacional de Imigração), do Ministério do Trabalho e Emprego. Já o Conare (Comitê Nacional para os Refugiados) está no Ministério da Justiça, que também tem outros departamentos para lidar com essas questões. Precisariamos ter um órgão central com números oficiais para que assim pudessem ser trabalhadas as políticas públicas.

RS: Você diz que os movimentos negros do Brasil não conversam com os africanos. Por que isso acontece?

AV: É uma questão central. O principal instrumento para criar políticas públicas no Brasil são as conferências nacionais. Na última sobre igualdade racial [III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial – Conapir, de 2013] não saiu uma linha sequer destinada à diáspora africana ou haitiana. Creio que, do ponto de vista das antigas lideranças do movimento negro, o resgate que se faz é sempre histórico, da descendência dos escravos, o que se reflete na implantação da Lei 10.639, sobre o ensino da História da África nas escolas. Mas há um distanciamento da África viva, que está presente aqui.

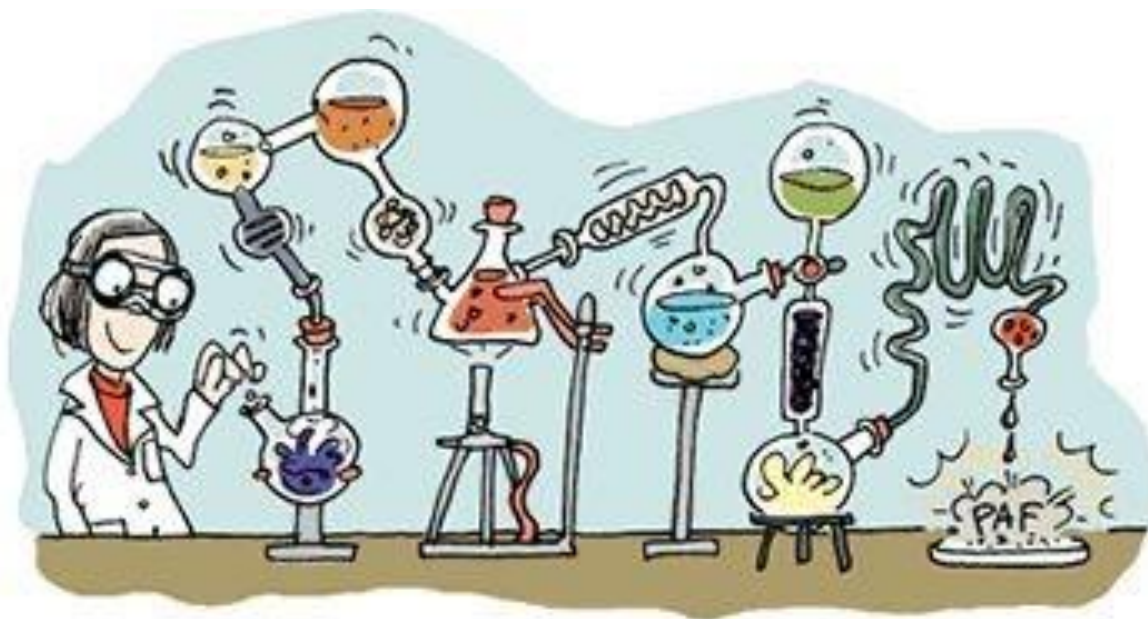
Parto do pressuposto de que há uma negação, uma tentativa de não querer enxergar essa realidade como um problema próprio. É aquele discurso: ‘já temos tantos problemas, agora mais os africanos e haitianos...’ Já ouvi falas de que ‘o negro estrangeiro não é problema nosso’. Muitas pessoas que foram lideranças do movimento negro e hoje estão em cargos centrais no poder público reproduzem a mesma prática e a mesma visão social. Por outro lado, os mais jovens já têm uma certa aproximação, talvez mais provocada pela comoção, como no caso do assassinato da Zulmira. Existe hoje uma multiplicidade de atores e associações. Os congoleses, por exemplo, têm umas quatro – ainda são grupos simples, sem reconhecimento jurídico.

Para potencializar o direito desses imigrantes, seria fundamental o movimento negro se inteirar, conhecer e estar junto. Há algumas pequenas ações, muitas vezes ligadas a questões culturais, de música, religião ou comida. Mas nas questões políticas não há uma agenda de luta programática.



Imigrantes Negros que chegam ao Brasil deparam-se com ‘racismo a brasileira’, diz sociólogo. **Portal Geledés**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/imigrantes-negros-que-chegam-ao-brasil-deparam-se-com-racismo-a-brasileira-diz-sociologo/?gclid=CjwKCAiA25v_BRBNEiwAZb4-ZX_ARYKLhm3v4kyIc80sETRp7OhqaD5aFJWoVJjeFfk84UG-PiQYURoC_rAQAvD_BwE>. Acesso em: 26 nov.2020

ANEXO B - Experiências & Correspondências.



Experiências & Correspondências

De 30/09/2019 à 25/11/2019

Ana Júlia Soares Leite Garcia.....193912

Júlia Socci Pinese.....177099

Paula Ishige.....204369

Visão geral

Este projeto tem por objetivo de ser feito com interação das crianças do 1º, 3º e 4º da Escola Estadual Físico Sérgio Pereira Porto, no município de Campinas, por meio de trocas de cartas com relatos de experiências.

Objetivos

1. Apresentar e/ou relembrar o gênero carta
2. Criar com as crianças experiências em sala de aula de forma a despertar o lúdico em

sala de aula

3. Estimular a escrita
4. Criar um sentido através das experiências para a escrita
5. Fazer a circulação de cartas entre as salas
6. Estimular a formação de hipóteses

Especificações

Visando que a escrita é parte importante dos anos iniciais do Ensino Fundamental, seja o seu aprendizado com a alfabetização nos primeiros anos, seja o aprimoramento nos últimos, nosso grupo pretende elaborar um estímulo às crianças para escrever.

Experiências são coisas que trazem através da prática surpresas e aprendizados e queremos através deste estímulo levar as crianças a terem algo sobre o que relatar.

Como será feito

No primeiro dia faremos a leitura do livro “o carteiro chegou”, para apresentar o gênero carta ou gerar uma discussão sobre o que são cartas (isso vai depender do ano e se eles já conhecem o gênero ou não).

Cada uma de nós irá levar os materiais necessários para fazer uma experiência. Mostraremos o que levamos às crianças e questionaremos o que eles acham que vamos fazer com aquilo. Depois delas formularem as hipóteses, vamos dar a elas por escrito o modo de preparo, no qual não estará contido o resultado esperado. Depois de elas lerem terão que falar o que elas acham que irá ocorrer com o experimento. Assim, faremos com elas a experiência e constataremos o que aconteceu. Dependendo da experiência realizada, conforme a disponibilidade dos materiais, as crianças poderão se reunir em duplas, ou trios para a elaboração deste, entretanto em outras situações, reuniremos os alunos em torno do experimento para que todos possam observar juntos.

Ao fim da experiência elas escreverão duas cartas para contar para a outra sala o que eles fizeram. Uma com um “ar” de suspense, em que os alunos não irão contar qual o resultado da experiência, apenas relatar como foi o processo, as expectativas e etc. A outra carta será

aberta pela turma destinada, somente após a realização da atividade, onde estará escrito os resultados obtidos, para verem se foram semelhantes ou diferentes.

As cartas irão rodar entre as salas, formando um rodízio de experiências e correspondências, cada turma realizará um experimento, e irão elaborar uma carta contando o que acharam, se gostaram ou não, como se sentiram e etc., encaminhando esta carta a outra turma, por exemplo: O 1º ano enviará a carta para o 3º, 3º ao 4º, e 4º ao 1º. Sendo assim, na semana seguinte, as crianças farão a experiência que havia sido feita pela outra sala, o qual esta estava descrita na carta recebida.

Depois de três semanas, quando renovarmos as experiências o sentido se inverte a assim sucessivamente. A cada três semanas, dado ao fato que temos três salas, todas as experiências serão trocadas por novas, de forma a não se repetir nenhuma até o fim do projeto.

As experiências que selecionamos podem ser feitas por todas as classes, pois independem de idade, mas a forma da escrita da carta será diferente em cada uma de forma a adaptar para o nível de alfabetização. Essa escrita, em cada turma, será definida pela responsável do projeto naquela turma:

1º ano

Primeiramente a responsável irá trazer por escrito como é feita a experiência. Com a ajuda dos alunos o texto será lido. Como não estará especificado o que vai acontecer, será questionado o que eles acham que vai haver. As hipóteses deles serão retomadas depois da experiência para ver se acertaram ou não.

Como se trata de um 1º ano, a escrita será de forma coletiva. Após a experiência, eles ajudarão a responsável a escrever o corpo da carta, e na parte que confere a escrita do passo a passo para fazer a experiência eles identificarão as etapas que já vão estar impressas e cortado em tiras, que serão previamente embaralhadas, de forma que eles terão de identificar o que está escrito para colocar em ordem e colarmos na carta. Como eles já terão sido apresentados ao gênero carta, a responsável irá estimulando eles para falarem o que deverá ser escrito em cada etapa, lembrando o livro “o carteiro chegou”.

Caso vejamos que a atividade está muito fácil ou difícil, pode ser que ao longo do projeto haja alterações no que diz respeito à escrita de forma sempre a melhorar o aprendizado deles e adequar às suas necessidades.



3º ano

No caso do 3º ano, temos uma turma de 15 alunos, os quais serão divididos em três grupos (5 alunos em cada grupo), essa divisão foi pensada, para facilitar aos dois alunos estrangeiros, pois estando uns grupos menores, facilitará a compreensão e abrirá maior espaço para sua participação.

Cada grupo terá em sua posse os elementos necessários para a realização da atividade, feito isso conversaremos, em roda, quais eram suas expectativas, e o que aconteceu. Posteriormente, em roda, cada grupo escolherá uma parte das duas cartas para serem responsáveis, (início, meio ou fim), para finalizar, leremos as duas cartas para a sala, a fim de analisar se alguém gostaria de alterar algo, para realizarmos o encaminhamento.

4º ano

No quarto ano, como a turma possui 14 alunos, os alunos formarão 3 grupos (a quantidade de alunos vai depender de quantos virão em determinados dias).

Após feito, faremos uma roda de conversa para compartilharmos os resultados que obtiveram e quais os fatores que levaram ao resultado.

Quando for escrever a carta, inicialmente iremos dividir a turma em 2 grupos (7 alunos cada), sendo eles permanentes até o final do projeto. Metade da turma escreve a carta “suspense” e a outra metade escreve a carta com o resultado do experimento e depois, coletivamente, revisá-la, desde a ortografia até a maneira como escreveram. A separação em grupos será feita para que em cada semana eles revezem de forma a evitar que uma mesma criança fique sempre na mesma parte da carta (suspense ou resultado), exemplo: na aula 1, grupo A escreverá a carta suspense e na aula 2 escreverá o resultado do experimento do dia.

Referências Bibliográficas a ser utilizada na explicação do trabalho

Quando pensamos em fazer este trabalho queríamos exercitar inicialmente a escrita, mas não de forma tradicional. Queríamos dar sentido àquilo que as crianças escreveriam. Foi assim que pensamos nos experimentos: Trazer para eles uma situação para eles vivenciarem para que pudessem ter o que escrever.

Em vez de ensinar/aprender que uma receita de salada de frutas tem três partes- nome, ingredientes e modo de fazer- será mais eficaz fazer a salada de frutas e, depois, rememorando o que foi feito, organizar saberes e atividades numa receita, de forma escrita[...].(KLEIMAN, p.38)

Assim, de certa forma, muito do que planejamos está ligado diretamente ao que



Kleiman chama de letramento. A carta apenas tem sentido para aqueles que entendem a função social da escrita, e é um ótimo instrumento para levarmos o letramento às crianças. No mesmo texto a autora nos leva a refletir sobre práticas tradicionais

[...]ocorrem de maneira descontextualizada, isto é, não variam segundo o grupo ou a situação, são a cópia, exercícios de completar frases, exercícios para buscar e sublinhar palavras com dígrafos, por exemplo, ditados, e atividades de perguntas e respostas. (KLEIMAN, p.31)

A escrita das experiências, realizada em grupos, e a correspondência com demais turmas, nos permite tomar como base também o texto de Orlick, o qual afirma que "uma função psicológica crucial das brincadeiras e dos jogos é a autovalorização, juntamente com o desenvolvimento de habilidades interpessoais positivas" (1978,pg.108). No nosso caso, não trabalhamos com jogos ou brincadeiras, mas nossas experiências valem para essa citação, pois, as crianças aprendem a trabalhar de modo cooperativo, vendo em suas cartas as frases/palavras que foram mencionadas por elas, gerando a autovalorização, e a expansão de suas habilidades na escrita e observações científicas. Além disso, com o desenvolvimento de discussões, argumentações, a interação das crianças em todo o desenvolver do projeto, além do auxílio as questões da escrita, auxiliará no combate ao isolamento social, considerando que estamos lidando com crianças de diferentes contextos regionais, sociais, e econômicos.

A elaboração da carta em grupo é de fundamental importância, por influenciar em nossa formação como ser humano, pelo fato de que no mundo de hoje a colocação das palavras determinam nossos sentimentos, ações, como nos tratamos e somos tratados, como nomeamos e determinamos o que está ao nosso redor. Para Larrosa, trata-se do exercícios de palavras:

“[...]atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras e etc. não são atividades loucas ou vazias, não são meros palavrório. Quando fazemos uma coisa com as palavras, do que se trata como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.” (LARROSA 2002, pg.21)

Em tempos de uma pedagogia empresarial, ignora-se quem é a criança, seus desejos, receios, anseios, experiências, cultura, religião, capacidades e habilidades, criando um aumento na pressão psicológica às crianças de todos os anos escolares, com relação a “necessidade” de ter boas notas, para o ingresso na faculdade, e posteriormente no mercado de trabalho. Um ambiente cada vez mais nomeador, no qual o adulto já pré-determina quem

é “nível Unicamp, Usp” e quem “talvez” tenha um bom futuro, criando e firmando uma sociedade cada dia mais competitiva à cooperativa.

O exercício do projeto, o convívio com os colegas da própria turma e das demais, possibilitará uma “quebra da rotina”, uma experiência, o qual nesta, não nos referimos somente ao âmbito científico, mas sim ao social, ao humano, ao interacionista, o qual as crianças terão que conversar entre si, entrar em acordo, ouvir o outro e etc. Nas palavras de Larrosa,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA,2002. p.24).

A matéria “escola e conhecimentos de ciências naturais” nos deu um bom embasamento a respeito de como trabalhar o ensino de ciências na escola. No texto “alfabetização científica: uma revisão bibliográfica” é citado Wilkinson, que comenta que normalmente “somente o resultado dos trabalhos de cientistas é apresentado aos alunos e a aplicação desses conhecimentos acaba não sendo abordada”(p.62). Sendo assim, fazer as experiências em sala de aula é mostrar como os conhecimentos são produzidos, e não apenas entregá-los prontos, dando um sentido para o uso daquele conhecimento trazendo para mais perto da realidade dos alunos. Repare que colocamos as explicações das experiências, pois não queremos que pareça “mágica”, ou que simplesmente eles saiam sem saber o que aconteceu. Assim, o nosso letramento não é apenas para alfabetização, mas é parte de um letramento científico. De acordo com Savian e Ometto (2016)

[...] o trabalho do professor alfabetizador deve estabelecer situações de aprendizagem nas quais as relações dialógicas de sala de aula das relações de ensino, portanto permitam reflexões sistemáticas acerca do código da língua no contexto dos movimentos de interação e dos momentos de interlocução com os alunos. (p.106)

No letramento, a criança aprende o contexto da alfabetização no cotidiano das relações humanas. A carta pode ser utilizada tanto em situações formais (exemplo: aviso de vencimento do contrato) como nas informais (exemplo: escrever uma carta para um amigo que está morando em outra cidade).

Para a utilização da carta, também podemos mencionar o educador Célestin Freinet, o qual em decorrência da sua experiência de vida, foi para as salas de aula, mas para o

surgimento de seu método, realizou uma análise a pedagogia escolástica a qual segundo Kanamaru “considerava traumática e domesticadora em função da separação, de caráter intelectualista e dogmática, entre conteúdo e forma didáticas de um lado e, de outro, das necessidades reais de educandos.” (p. 773).

Devido a sua visão para com a educação, criou alguns facilitadores para o processo de ensino-aprendizagem:

“Um educador que no início do século XX desenvolveu importantes considerações acerca das relações interpessoais, dos assuntos sociais e políticos, e da prática pedagógica da atualidade. Freinet teve muitos facilitadores pedagógicos ligados à sua pedagogia, em que se destacam: plano de trabalho (gestão da aprendizagem), correspondência interescolar (comunicação social), autoavaliação (autogestão da aprendizagem), jornal de parede (gestão entre o grupo), imprensa escolar (instrumento usado na comunicação), aula passeio (práticas que contribuem para a aquisição do conhecimento), livro da vida (instrumento para registro), fichário de consulta (gestão da aprendizagem). Para Freinet o trabalho deve ser realizado por grupos de alunos de maneira coletiva e cooperativa.” (AMORIM, p.9,2012).

Recursos esses que vem aos poucos expandindo, e devido ao interesse e interação das crianças serem inigualavelmente maior do que atividades tradicionais, acreditamos ser um impulso para o processo de ensino-aprendizagem, tanto para nós(elaboradoras) quanto para as crianças.

As experiências:

Experiência 1: Gêiser cola Ingredientes

- 1 Coca-Cola Light 2 litros
- 1 Pacote de bala Mentos
- 1 Tubo de cola branca

Como fazer

Para termos uma explosão fantástica, usaremos todo o pacote de mentos. Mas, será necessário o uso da cola branca para que ao abrirmos a garrafa, as balas sejam colocadas todas juntas, caso contrário, se depositado unidade por unidade, não haverá tempo de colocar todas as balas, pois assim que a primeira bala atinge o chão da garrafa, o gêiser dá início. Por isso sugerimos que colem todos os mentos com cola branca. Enquanto as balas não estiverem coladas, não abra a garrafa de refrigerante, pois o gás escapará, dificultando nosso experimento.

Com as balas coladas, em um lugar aberto (quadra, gramado, estacionamento), abra a garrafa e em seguida insira as balas, e sai de perto o mais rápido possível, para evitar respingos em suas roupas.

Explicação

O gás dentro do refrigerante é o gás carbônico, colocado em sua fabricação a uma pressão de 5 atmosferas, ou seja, cinco vezes a pressão normal da atmosfera. Quando aberta a garrafa, a pressão interna e externa entram em contato, fazendo um breve barulho. Ao inserirmos as balas, as quais possuem um composto químico diferente, estas entram em contato com o gás do refrigerante, fazendo-o agitar e levando o refrigerante para uma rota de escape, no caso, como o único buraco é o da tampa todo o líquido tende a subir.

Quando o bloco de mentos é jogado no refrigerante, acontecem dois fenômenos simultaneamente. A primeira é que o ácido cítrico da bala é dissolvido pela água, gerando mais bolhas de gás carbônico. A segunda é que, como o Mentos é um sólido e pesado, as balas, não ficam na superfície do líquido, mas sim vão direto para o fundo do recipiente. Nisso, os micro poros da superfície da bala agem como pontos de atração de bolhas, como se

fossem imãs, e quanto maior o contato, maior será a criação de bolhas junto da bala.

Essas bolhas grandes de gás carbônico se formam no fundo da garrafa (pois as balas estão no fundo), entretanto, bolhas de gás são leves, e tudo que é leve fica na superfície, portanto o gás sobe, mas sobem rapidamente, sendo assim, levam consigo líquido.

Para sair da garrafa, as bolhas e líquido , precisam passar pela boca da garrafa, mas essa não permite que tudo seja colocado para fora de uma vez só, devido ao pouco espaço, então a mistura é “apertada” e sai a uma pressão elevada, gerando o nosso gêiser podendo alcançar quase 2 metros de altura.

Referência <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-a-mistura-de-coca-light-e-mentos-pr-ovoca-uma-explosao/>

Experiência 2: Bailarinas

Ingredientes

- Doces em forma de minhocas, ou outros formatos de gelatinas (ursos, cerejas...)
- Bicarbonato de sódio
- Vinagre
- Uma tábua para cortar
- Uma faca ou tesoura
- Dois copos limpos

Como fazer

- Corte cada minhoca (mais recomendável para os cortes serem proporcionais) em 4 partes.
- Molhe a faca para evitar que o doce grude.
- Dissolva 3 colheres de bicarbonato de sódio em meio copo de água.
- Coloque as minhocas na solução de bicarbonato e espere 15 minutos.
- Retire uma por uma e coloque no copo com vinagre.

Imediatamente, elas começarão a borbulhar e, dançando, subirão até a superfície.

Explicação

Ao colocarmos o doce encharcados de bicarbonato, no vinagre (mais ácido), o ácido do vinagre inicia uma reação com o bicarbonato de sódio. Fazendo com que as minhocas encham-se de bolhas de CO₂ e subam à superfície. Na superfície, as bolhas estouram, o que era leve (gás) foi embora, então o doce volta ao fundo, cria-se novas bolhas, e volta a subir.

Essa “dança” irá acontecer até que as minhocas liberem todo o bicarbonato de sódio.

Referência <https://incrivel.club/inspiracao-criancas/6-experiencias-simples-para-criancas-que-beira-m-a-magia-67955/>

Experiência 3: Bexiga e garrafa

Material

- Garrafa
- Bexiga
- Vinagre
- Bicarbonato de sódio
- Colher

Preparo

- Colocar dentro da garrafa o vinagre (de preferência em temperatura ambiente ou quente).
- Colocar bicarbonato de sódio dentro da bexiga.
- Colocar com cuidado para não derramar o bicarbonato, a boca da bexiga de forma que tampe toda a boca da garrafa, vedando-a
- Levante a bexiga de forma que o conteúdo de dentro da bexiga caia dentro da garrafa

Explicação

O vinagre ao se juntar com o bicarbonato de sódio forma uma reação química que produz gás carbônico. Esse gás sobe, e uma vez q o gargalo está sendo vedado pela bexiga, ao invés de ir para a atmosfera ele a enche.

Referência <https://www.coc.com.br/blog/soualuno/quimica/5-experimentos-para-aprender-quimica-em-casa>

Experiência 4: combustão com vela

Material

- Água
- Prato
- Corante
- copo de vidro transparente
- vela (menor que o copo)
- fósforo

Preparo

- Cole a vela no meio de um prato (derreta a base)
- Coloque água no prato
- Acrescente o corante na água e misture
- Coloque o copo em cima da vela com ela acesa

Explicação

Quando se acende a vela, ela gera calor e esquentar o ar. Conforme a vela vai consumindo o oxigênio da garrafa, o oxigênio vai acabando e a vela vai diminuindo a chama. Isso faz com que a temperatura diminua. A diminuição de temperatura gera uma queda de pressão. Como a pressão atmosférica então fica maior do que a pressão de dentro da garrafa, ela empurra o líquido para dentro de forma a equalizar com a pressão do lado de fora.

Referência <https://www.youtube.com/watch?v=c9utVkJBN9w>

Experiência 5: lâmpada de lava

Material

- Garrafa pet transparente de dois litros
- Um litro de óleo de cozinha
- 300 mL de água
- Corante alimentício
- Comprimido efervescente antiácido

Preparo

Misture a água com o corante. Pegue a garrafa pet transparente, encha com a água com corante e o óleo: para cada medida de água deverá ser acrescentada duas de óleo. Quando a mistura estiver estável, ou seja, sem bolhas, deverá ser colocado o comprimido efervescente antiácido. O resultado é parecido com aquelas lâmpadas de lava. Fica bem legal!

Explicação

A água e o óleo não se misturam. A água é mais pesada e por isso fica embaixo, e o óleo em cima. Isso é um sistema heterogêneo de duas fases (óleo-água). O corante se mistura completamente na água. Mesmo que se chacoalhar a garrafa, as duas fases vão se separar novamente.

O comprimido efervescente dissolve na água e libera o bicarbonato de sódio (base) e um ácido (cítrico) que reagem e produzem um gás: o gás carbônico (CO_2), que por ser mais leve que a água e o óleo, sobe em bolhas, arrastando partículas de água, criando assim um efeito de lâmpada de lava.

Referência <https://www.coc.com.br/blog/soualuno/quimica/5-experimentos-para-aprender-quimica-em-casa>

Revista Ciência Hoje das Crianças - Lava engasgada - n 283 pág 17 - Outubro de 2016 - Disponível em http://capes.cienciahoje.org.br/viewer/?file=/revistas/pdf/chc_283.pdf



Experiência 6: amido de milho

Mostra a propriedade que o amido de milho tem de ficar solido e liquido ao mesmo tempo.

Material

- uma xícara de amido de milho
- meia xícara de água
- uma vasilha ou panela grande

Preparo

Coloque o amido de milho dentro da vasilha ou panela. Em seguida acrescente a água aos poucos e misture bem aos poucos. Repita o processo até que a massa pareça um líquido

Neste processo podemos perceber que o amido misturado com água acaba ficando sólido e líquido ao mesmo tempo.

Explicação

O amido de milho não é solúvel na água, formando uma mistura chamada colóide. A consistência dessa mistura é inconstante, mudando de acordo com a força aplicada. Por exemplo, se você enfiar o dedo indicador depressa na massa, ela “endurece” devido à intensidade da força aplicada, fazendo com que as moléculas da massa se reorganizem e se contraem, ficando mais sólido.

Mas, se aplicamos menos força na massa, as interações entre as moléculas diminuem e a consistência da massa volta ao seu estado anterior, ficando líquida.

Referência: <https://quimicomaluco.wordpress.com/2010/11/20/experimento-amido-de-milho-agua-fluido-nao-newtoniano/>.

Referências Bibliográficas

Ideias Incríveis. **32 experiências científicas fáceis que parecem pura magia**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2RFEahzodM>>. Acesso em: 28 set. 2019.

AMORIM, Giovana Carla C. et al. **Teorias e Práticas pedagógicas de Célestin Freinet e Paulo Freire**. REALIZE Editora, Campina Grande, p. 1-13, 2012.

Kanamaru, Antonio Takao. *Autonomia, cooperativismo, e autogestão em Freinet*. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 3, p. 767-781, jul./set. 2014.

KLEIMAN, Angela. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** in **Pró letramento: Alfabetização e linguagem**. CEFIEL, 2005.

LARROSA, B. J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Universidade de Barcelona, 2002, p.21-24.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do livro, 1978, p.108.

Revista Ciência Hoje das Crianças - massa maluca - n 245 pág 1 - Maio de 2013 - Disponível em: <http://capes.cienciahoje.org.br/viewer/?file=/revistas/pdf/chc_245.pdf>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

SAVIAN, Márcia Regina de Oliveira e OMETTO, Cláudia B. de C. Nascimento. **A alfabetização como prática dialógica de leitura e escrita**. In: Revista Brasileira de Alfabetização–ABAlf. ISSN: 2446-8576 / e-ISSN:2446-8584. Vitória, ES. V.1, n.3, jan./jul.2016, p. 159- 180.

WILKINSON, J. **Science for All** in: SASSERON, Lúcia Helena; CARVALHO, Anna Maria Pessoa. **Alfabetização científica: Uma revisão bibliográfica**. Revista Investigações em Ensino de Ciências (IENCI): [s. n.], 2011.